

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

FLÁVIA RIPOLI MARTINS

MEU NOME ERA SABINA SPIELREIN

Eu fui também psicanalista

SÃO PAULO

2017

FLÁVIA RIPOLI MARTINS

MEU NOME ERA SABINA SPIELREIN

Eu fui também psicanalista

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof^a. Dra. Flávia Arantes Hime.

SÃO PAULO

2017

AGRADECIMENTOS

As trocas, por meio da conversa e do diálogo em diversos espaços e contextos, me foram fundamentais para que eu pudesse concluir este trabalho. Gostaria de agradecer a todos que compartilharam comigo deste processo e de minha formação, me apoiando, se preocupando, me fazendo companhia, me dando espaço quando necessário e tendo paciência nos diversos momentos que passei para que eu chegasse até este momento.

À minha mãe e meu pai, por me apoiarem e investirem em minhas decisões, estando ao meu lado para que eu pudesse ser e fazer aquilo que desejo. Por acreditarem em mim, me estimularem e estarem sempre me encorajando a me tornar uma pessoa melhor. Sem vocês não teria sido possível que eu chegasse a este momento;

À Maiara, por estar ao meu lado me dando apoio, carinho, força e confiança. Obrigada pela calma que você me transmite quando necessário e pela paciência, mesmo nos momentos em que você não aguentava mais ouvir falar deste trabalho. Nossas trocas me foram, e são, muito importantes;

À minha orientadora, Professora Dra. Flávia Arantes Hime por ter me ajudado a chegar na conclusão deste trabalho, colaborando e me estimulando para que eu concretizasse essa pesquisa da forma que mais me contemplasse;

À Professora Dra. Paula Regina Perón por ter se disponibilizado a ler e discutir comigo este trabalho, após sua conclusão;

À todos meus amigos e familiares que me acompanharam neste processo.

RESUMO

7.07.00.00-1 - Psicologia

7.07.01.01-6 - História, Teorias e Sistemas em Psicologia

MARTINS, F. R. *Meu nome era Sabina Spielrein: Eu fui também psicanalista*. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Curso de Psicologia sob orientação da Profa. Dra. Flávia Arantes Hime, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2017.

O presente trabalho teve por objetivo ajudar a resgatar a importância de Sabina Spielrein como uma das primeiras mulheres da história da psicanálise, recordando sua trajetória biográfica e estudando suas proposições sobre o conceito de pulsão de morte, de maneira a responder se e como a teorização da autora pode contribuir e acrescentar à compreensão freudiana do segundo dualismo pulsional. Considerando que nos dias atuais muito se debate a respeito da relação entre a psicanálise e o feminino, penso que reconhecer e estudar a vida e obra das primeiras psicanalistas pode contribuir para esclarecer esta questão. Este tratou-se de um trabalho teórico, utilizando como referências principais os textos *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911) e *A destruição como origem do devir* (1912) de Spielrein, *Além do princípio do prazer* (1920), *O problema econômico do masoquismo* (1924) e *O mal-estar na civilização* (1930) de Freud, e alguns documentos históricos como as cartas trocadas entre Freud, Jung e Spielrein, o diário pessoal da autora e as Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena. A partir deste trabalho, reafirmou-se a importância da autora assim como a necessidade de retirá-la do “soterramento histórico” sofrido por sua vida e obra, dando visibilidade às suas contribuições para a psicanálise, que em muito podem acrescentar para a compreensão do conceito de pulsão de morte e do lugar ocupado pelas primeiras mulheres do movimento psicanalítico.

Palavras chave: Spielrein S., psicanálise, pulsão de morte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
OBJETIVO	14
MÉTODO	15
1. MULHERES NA PSICANÁLISE: A TRAJETÓRIA DE SABINA SPIELREIN	17
2. MEU NOME ERA SABINA SPIELREIN, EU FUI TAMBÉM PSICANALISTA	40
3. O CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE NA TEORIA FREUDIANA.....	61
4. DISCUSSÃO: SPIELREIN E FREUD, UMA CONVERSA.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS.....	90

INTRODUÇÃO

Ao longo dos meus estudos de psicanálise na graduação, iniciados por meio das disciplinas obrigatórias e aprofundados a partir de meados do terceiro ano de curso, o tema da teoria das pulsões sempre me despertou interesse. Apesar de acreditar conhecer em linhas gerais o primeiro e o segundo dualismo pulsional de Freud, compreender o que o levou a propor duas teorias das pulsões e a forma como estas se relacionam sempre me causou curiosidade. Mais do que isso, ouvir falar a respeito da tão pouco discutida pulsão de morte, me gerava inúmeras perguntas: Esta é uma noção somente teórica? Onde a pulsão de morte pode ser vista na clínica? Por que alguns teóricos da segunda ou terceira geração de psicanalistas modificaram ou não aceitam este conceito? Entender a construção e a conceituação freudiana da pulsão de morte foi a minha primeira via de interesse para a realização deste trabalho.

Considerado um dos pilares fundamentais da teoria psicanalítica, o conceito de pulsão pode ser definido, de acordo com o que é colocado por Freud no ensaio *O instinto e seus destinos* (1915, p. 148),

como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua ligação com o corpo.

A pulsão, conforme concebida por Freud, nunca se dá em si mesma a nível consciente ou inconsciente, sendo passível de ser conhecida somente por seus representantes, os afetos e as ideias. Nesse sentido, a teoria das pulsões é marcadamente determinada por construtos teóricos cuja inteligibilidade é distinta daquela presente em descrições empíricas, o que leva Freud a afirmá-la como a mitologia da psicanálise (GARCIA-ROZA, 1985).

Primeiramente discutida como uma ampliação do conceito de sexualidade, na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905), a conceituação a respeito das pulsões sofreu uma série de modificações durante a construção da metapsicologia freudiana. Ao longo de seu desenvolvimento, esta é marcada pela proposição de duas teorias das pulsões, de modo que a segunda virá a englobar e

substituir a primeira, tornando-se fundamental para a compreensão da psicanálise freudiana a partir da década de 1920.

Enunciado por Freud no ano de 1910, o primeiro dualismo pulsional constitui-se pela oposição entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, ou pulsões do Eu (ROUDINESCO; PLON, 1998). De acordo com Birman (2009), na primeira teoria das pulsões, Freud estabeleceu o conflito psíquico entre os registros do Eu e da sexualidade, considerando a pulsão de autoconservação (pulsões do Eu) como destituída de qualquer erogeneidade. No entanto, o decorrer das formulações freudianas levou o autor a passar a considerar o Eu também como algo libidinizado, caracterizando toda pulsão como sexual em última instância:

Essa nova interpretação de Freud sobre o conflito psíquico desembocou necessariamente na sua leitura do eu e do narcisismo. Com efeito, no ensaio “Introdução ao narcisismo”, de 1914, o conflito psíquico passou a se ordenar entre a *libido do eu* e a *libido do objeto*, de maneira que a sexualidade estaria agora em toda a parte, permeando inteiramente o aparelho psíquico nos diferentes registros do eu e do objeto [...] Nesse contexto teórico, o discurso Freudiano abole temporariamente o *dualismo* pulsional que sustentava até então o conflito psíquico, agora fundado numa oposição que seria interna ao campo da sexualidade (BIRMAN, 2009, p. 108).

Segundo análises de Roudinesco e Plon (1997) e Garcia-Roza (1985), localizando o conflito entre a libido do objeto e a libido do eu e abandonando temporariamente o dualismo pulsional, Freud foi levado a se aproximar de uma perspectiva monista, semelhante à concepção de libido originária defendida por Jung, com quem em meados da segunda década do século XX ele já havia rompido. Neste contexto, quando tudo indicava que Freud iria propor um monismo pulsional muito próximo da ideia junguiana, o autor introduziu em sua obra um novo dualismo: o das pulsões de vida e pulsões de morte.

Com a publicação de *Além do princípio do prazer* (1920), Freud irá restabelecer o dualismo pulsional como base do conflito psíquico, configurando-o entre as polaridades de vida e morte (BIRMAN, 2009). Partindo desta proposição, o autor irá unificar as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação sob a denominação de pulsões de vida (Eros), as quais serão contrapostas à pulsão de morte (Thanatos) (GARCIA-ROZA, 1985).

Fundamentada em noções como compulsão à repetição, neuroses de guerra, agressividade, sadismo e masoquismo, a pulsão de morte pode ser definida como

uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem para a redução completa das tensões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico. Voltadas inicialmente para o interior e tendendo a autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 407).

Enquanto as pulsões de vida compreendem todas as pulsões anteriormente diferenciadas por Freud (pulsão sexual, pulsão de autoconservação/pulsão do Eu), as pulsões de morte irão aparecer como um tipo completamente novo de pulsão, as quais o autor irá conceber como as pulsões por excelência, na medida em que nelas se realiza o caráter repetitivo das pulsões (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Com a enunciação do segundo dualismo pulsional, Freud irá afirmar a existência de um aparelho psíquico que não apenas busca a ligação representada pelas pulsões de vida, mas também a redução das tensões, a dor e o desligamento, evidentes nas pulsões de morte.

Depois de ter exposto a noção de pulsão de morte em *Além do princípio do prazer*, Freud vai se referir a esta em diversas de suas publicações subsequentes, mantendo o segundo dualismo pulsional até o final de sua obra. Assim, mencionam-se como publicações que marcam o percurso dessa teorização as obras *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), *Psicanálise e teoria da libido* (1923), *O Eu e o Id* (1923), *Problemas econômicos do masoquismo* (1924), o artigo *A Negativa* (1925), *O mal-estar na civilização* (1930), a carta enviada a Albert Einstein intitulada *Por que a guerra?* (1932) e, por fim, a 32ª das *Novas conferências* (1932) (MIJOLLA, 2002).

Dito isso, torna-se possível afirmar que a conceituação da pulsão de morte busca formalizar uma teoria geral, organizando em um sistema explicativo a interação dos diversos processos psíquicos. Na medida em que obedece a uma finalidade teórica diferente das demais proposições freudianas, o conceito de pulsão de morte é um dos mais discutidos na teoria psicanalítica, dando lugar a diversas interpretações e controvérsias a seu respeito (WILDLÖCHER, 1988).

Avaliando esta questão, Roudinesco e Plon (1998) afirmam que a repercussão do segundo dualismo das pulsões foi imensa dentro do campo psicanalítico, tanto por seus efeitos no pensamento filosófico do século XX quanto pelas polêmicas e rejeições que esta tese provocou entre os seguidores de Freud. No entanto, se os discípulos freudianos hesitam até os dias atuais em aceitar o

conceito de pulsão de morte da forma como este foi proposto pelo autor, em *O mal-estar na civilização* (1930, p. 87), o próprio Freud aponta para suas resistências a este conceito ao afirmar: “recordo a minha própria atitude defensiva, quando a ideia do instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo durou até que eu me tornasse receptivo a ela”.

Se estudar a teoria das pulsões me interessou, principalmente no que concerne a pulsão de morte, a leitura deste trecho de *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930) me deixou intrigada. Apesar de ter conhecimento de que a primeira geração de psicanalistas era composta por diversos autores que compartilhavam e discutiam com Freud a proposição de diversos conceitos, por vezes apresentando perspectivas distintas das dele, questionei-me a que ideia ele se referia. A resposta a esta pergunta, me veio com a leitura da biografia *Freud: uma vida para nosso tempo* (GAY, 2012, p. 402) onde me deparei com o seguinte trecho:

“Por que nós próprios”, [Freud] indagou-se mais tarde, ao olhar para esses anos, “precisamos de tanto tempo antes de decidirmos reconhecer uma pulsão agressiva?”. Um pouco pesaroso, ele evocou sua própria atitude defensiva de tal pulsão, quando a ideia surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e “o quanto demorou até que eu me tornasse receptivo a ela”. Freud estava pensando numa apresentação da brilhante analista russa Sabina Spielrein, nos dias pioneiros de 1911, numa das reuniões das quartas-feiras à noite, na Berggasse 19, e também no artigo pioneiro dela, no ano seguinte, intitulado “A destruição como causa do vir-a-ser”. Naqueles anos, Freud simplesmente não estava preparado (GAY, 2012, p. 402).

A constatação de que o conceito de pulsão de morte havia surgido na literatura psicanalítica antes da publicação de *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920) e que o próprio Freud tinha apresentado uma postura defensiva diante do mesmo, me levou a pesquisar as obras anteriores a 1920, nos quais este conceito era explorado. Pensei que a leitura desses artigos me auxiliaria a responder minhas questões.

Foi com este objetivo que comecei a pesquisar a respeito de Sabina Spielrein, autora mencionada no texto de Gay (2012), tendo sido levada, em uma primeira busca, aos filmes *Jornada da alma* (2002) e *Um método perigoso* (2011), produções cinematográficas bastante conhecidas, que enfatizam seu diagnóstico psicológico como histérica ou psicótica e seu romance com Jung. Através dessas pesquisas,

não obtive informações sobre sua obra ou sobre sua relação com o conceito de pulsão de morte e o movimento psicanalítico.

Com poucas informações em mãos, voltei-me para a literatura especializada. Na obra de Roudinesco e Plon (1998, pp. 725 – 726) encontrei as primeiras referências a este respeito:

Ao mesmo tempo paciente e estudante de psiquiatria, Sabina Spielrein participou no começo do século, do debate sobre a esquizofrenia em torno de Eugen Bleuler. Depois experimentou o princípio da transferência e do tratamento pelo amor, e tornou-se testemunha privilegiada da ruptura entre Jung e Freud. Um foi seu amante e seu analista, outro seria seu mestre. Mais tarde, inventou a noção de pulsão destrutiva e sádica, da qual nasceria a pulsão de morte. Enfim, atravessou as duas grandes tragédias que marcaram a história dos judeus na Europa e a transformação do comunismo em stalinismo na Rússia. [...] Diplomada em 1911 com uma tese sobre a esquizofrenia, trabalhou depois com intensidade. Em 25 de Novembro, apresentou na Wiener Psychoanalytische Vereinigung (WPV) [Sociedade Psicanalítica de Viena]. Nela, expunha suas teses sobre a pulsão de destruição, na qual Freud se inspiraria em *Mais-além do princípio do prazer*, e que seriam publicadas em 1912, sob o título “A destruição como causa do devir”.

A leitura deste verbete me despertou uma nova questão: Por que nunca ouvimos falar da obra desta importante autora, uma mulher que integrara o movimento psicanalítico logo em seu início? Sabina Spielrein foi, como minhas pesquisas pareciam indicar, destinada ao esquecimento?

Em Cromberg (2008, p. 307), encontrei algumas respostas. De acordo com a autora, falar em esquecimento da obra de Sabina Spielrein remete a um ato involuntário, análogo ao de diversos outros psicanalistas

que não participaram ou não tiveram uma posição de destaque no movimento político institucional da psicanálise, estiveram envolvidos em querelas ou não fizeram uma política da teoria para que sua reflexão única e singular tivesse reconhecimento destacado dentro da coletividade psicanalítica ou fora dela.

Este não é o caso de Spielrein na medida em que ela foi a segunda mulher a integrar a Sociedade Psicanalítica de Viena, podendo ser considerada uma das mais pioneiras autoras das primeiras décadas do movimento psicanalítico (ALONSO, 2014). Em função disso, Cromberg (2008) considera mais adequado falar em um “soterramento histórico da [sua] obra”, movimento que perpassa diversos fatores, como o fato de Sabina ter sido mulher, judia, russa, de ter estado entre Jung e Freud

e de ter enfrentado o stalinismo, o nazismo e a misoginia dentro e fora do movimento psicanalítico, fenômenos determinantes para que “essa psicanalista russa, [fosse] esquecida pela historiografia oficial” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 725) até a década de 1980.

Se Sabina Spielrein não é mencionada em nenhum registro que se propõe a estudar a história e a obra de Freud ou de seus discípulos até o final do século XX, este destino foi modificado quando um conjunto de correspondências entre a autora, Freud e Jung, seu diário pessoal e vários de seus textos publicados entre os anos de 1911 e 1923 foram encontrados nos porões do local que sediava o Instituto de Psicologia de Genebra. Enviados para Aldo Carotenuto e Carlo Trombetta, estes materiais culminaram na publicação do primeiro trabalho sobre Spielrein, denominado *Diário de uma secreta simetria* (1984) (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Desde então, despertou-se um interesse crescente pela história de Sabina Spielrein, movimento que apesar de estudá-la deixou a sua contribuição teórica em segundo plano “em detrimento da ênfase em certos aspectos de sua biografia, em especial, sua relação com Carl Jung” (CAROPRESO, 2016, p. 414). Nesse sentido, Cromberg (2014, p. 218) afirma:

Na extensa pesquisa que fiz, encontrei abundante material do mundo inteiro sobre Sabina Spielrein, mas apenas três artigos dedicados à análise de seus textos, até 2008 só republicados a partir dos anos 1980. A única publicação da obra completa de Sabina Spielrein se dá em 2002, em alemão.

Contrariando este movimento, Renata Cromberg, a principal estudiosa brasileira da autora, se propôs a publicar as obras completas Spielrein no Brasil, tendo lançado o primeiro volume das mesmas no ano de 2014, aproximadamente cem anos após a escrita de seus primeiros textos. Esta proposta caracteriza um segundo momento do fenômeno que Alonso (2014) denomina como “a construção em processo” da biografia de Spielrein, o qual considera que apenas comentar a trajetória da autora não basta.

Qual é o motivo para ainda hoje pouco se discutir a respeito de sua obra, marcada por textos que abordam conceitos importantes para a psicanálise? Apesar de não saber responder a esta questão, penso que estudar as obras de Sabina Spielrein se constitui como um processo que permite tirá-la do lugar de uma personagem secundária do movimento psicanalítico, para colocá-la no papel de uma

autora que participou ativamente do início da psicanálise, formulando conceitos importantes para a mesma.

Além disso, a biografia de Sabina Spielrein chama a atenção por remeter não somente ao início da própria psicanálise e à proposição de seus conceitos fundamentais, como a pulsão de morte, mas também por trazer a marca da história das mulheres do início do século XX. Trata-se de uma trajetória que muito impressiona e que levanta inúmeras questões e reflexões.

Foi a partir da leitura da biografia *Sabina Spielrein: de Jung a Freud* (RICHBÄCHER, 2012) que tornou-se possível delinear meu problema de pesquisa. Eu havia chegado à obra da autora inquieta por minhas questões sobre o conceito de pulsão de morte e ainda não estava disposta a abandoná-las. Mas afinal, se é o texto de Spielrein (1912) que Freud menciona, segundo Gay, na passagem previamente citada de *O mal-estar na civilização*, me perguntei: qual a relação entre o que a autora propõe em *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912) e a formulação freudiana da pulsão de morte?

Muitas são as divergências em torno desta questão. Mencionada por Freud (1920) somente em uma nota de rodapé de *Além do princípio do prazer*, na passagem em que o autor apresenta suas formulações sobre o masoquismo originário, a relação entre a autoria de Spielrein e Freud no que diz respeito à pulsão de morte começou a ser levantada por Jung. Ao citar uma passagem de *Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados*, no qual Freud (1940) discute a pulsão de morte, o autor menciona que “esta ideia é de autoria de minha aluna Dra. S. Spielrein” (JUNG, 1942, p. 40, § 33) remetendo o texto freudiano à publicação de *A destruição como origem do devir* (1912).

No entanto, se esta relação permaneceu pouco abordada até aproximadamente 1980, o início da publicação dos textos da autora mudou este panorama. Dessa forma passou-se a discutir a relação entre Spielrein e Freud no que concerne à introdução do conceito de pulsão de morte em psicanálise.

A partir da leitura da obra de Spielrein, alguns autores como Alonso (2014, p. 15) afirmam que o texto *A destruição como origem do devir* (SPIELEIN, 1912)

antecipa claramente o conceito de pulsão de morte postulado por Freud em 1920, antecipação que o próprio Freud reconhece, ainda que com certa ambiguidade, numa nota de rodapé de página em *Além do Princípio do Prazer*.

Endo (2015, p. 335) partilha da mesma leitura, ponderando que

Além do princípio do prazer e A destruição como origem do devir são dois textos que juntos radicalizam, ampliam e consagram as proposições da pulsão de morte. Em Freud, como gênio e mestre zelador da psicanálise, vemos o trabalho apurado em retocar o sentido da morte na gênese do sintoma, preparar a segunda tópica e a segunda teoria da angústia e instaurar de forma irreversível os pontos de tangenciamento entre a psicanálise a teoria da cultura e as teorias e a interpretação social e política que serão retomadas em 1921, 1930 e 1938. Em Sabina já aparece, antes de Freud, uma radicalização, condensada mais tarde em *O mal-estar na cultura*, que positiva a destruição para revelar elementos, mais tarde presentes em *Espanca-se uma criança* de 1919 e *Elementos econômicos do masoquismo* de 1924.

Ainda nos dias atuais, não há unanimidade no que se diz respeito às relações entre as propostas de Spielrein na medida em que, enquanto alguns autores defendem que ela foi a “visionária introdutora do conceito de pulsão de morte em psicanálise” (CROMBERG, 2014, p. 91), outros afirmam que “uma análise atenta do texto de Spielrein revela que há diferenças fundamentais que distanciam a sua hipótese daquela de Freud” (CAROPRESO, 2016, p. 414).

Pautada por meu interesse tanto no que diz respeito ao conceito de pulsão de morte, quanto pela vida e obra da psicanalista Sabina Spielrein, optei por estudar esta relação em meu trabalho de conclusão de curso. Considerando que a influência da autora sobre a conceituação freudiana não é completamente reconhecida pelo autor, não encontrando unanimidade sequer entre estudiosos de Freud e Spielrein, acredito que não cabe estudá-la como uma base epistemológica direta das suas formulações sobre a pulsão de morte. No entanto, restaram-me as seguintes dúvidas: predominam semelhanças ou discrepâncias entre as obras de Freud e Spielrein? O texto *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912) pode auxiliar no entendimento do conceito de pulsão de morte? E por fim, por que nunca ouvimos falar de Sabina Spielrein, uma mulher que fez parte do movimento psicanalítico muito antes de discípulas de Freud mais conhecidas como Lou-Salomé, Melanie Klein e Anna Freud?

Pautado por estas questões, o presente trabalho tem por objetivo estudar a obra *A destruição como origem do devir* (1912), de Sabina Spielrein, assim como a teoria freudiana sobre a pulsão morte, buscando levantar quais são as semelhanças e diferenças entre as proposições de ambos os autores. Para tal, procurar-se-á responder quem foi Sabina Spielrein, enfatizando seu papel como psicanalista, mulher, judia e russa, para que em seguida, se possa analisar o que esta pioneira autora propôs, de modo a responder se seus textos podem contribuir para a conceituação freudiana sobre pulsão de morte.

Considerando que este conceito ainda é muito debatido nos dias atuais, discutir a obra de Spielrein que, segundo diversos autores, é o ponto de introdução do que Freud (1920) viria a formular em *Além do princípio do prazer* pode auxiliar no entendimento da pulsão de morte. Para tanto, procurar-se-á retornar ao momento em que a agressividade e destrutividade começaram a ser debatidas no campo psicanalítico, de modo a abordar quais foram as ideias às quais o próprio Freud (1930) havia resistido no início da segunda década do século XX.

Por fim, deve-se enfatizar que considero o conceito de pulsão de morte como uma via de análise para o estudo teórico dos textos de Sabina Spielrein, o qual ajuda a resgatar a importância teórica que por muito tempo lhe foi negada. Em um momento em que muito se debate a respeito da relação entre a psicanálise e o feminino, penso que reconhecer e estudar a vida e obra das primeiras psicanalistas, aquelas que antecedem as discípulas que são por nós bastante conhecidas, pode dar respostas, ou ao menos levantar perguntas, a respeito desta questão. Entre elas estava Sabina Spielrein, e é primordialmente sobre ela que este trabalho irá tratar.

OBJETIVO

OBJETIVO GERAL

O presente trabalho tem por objetivo ajudar a resgatar a importância de Sabina Spielrein como uma das primeiras mulheres da história da psicanálise, recordando sua trajetória biográfica e respondendo, a partir da análise do ensaio *A destruição como origem do devir* (1912), se e como a teorização da autora pode contribuir e acrescentar à compreensão freudiana do segundo dualismo pulsional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para a realização do objetivo deste trabalho, procurar-se-á responder quem foi Sabina Spielrein, analisar quais os motivos que podem justificar o “soterramento histórico” de sua obra, compreender como a autora propõe em sua obra o conceito de pulsão de morte e estudar a evolução do segundo dualismo pulsional em Freud.

MÉTODO

O presente trabalho será realizado por meio de uma pesquisa teórica e histórica sobre a vida e obra de Sabina Spielrein e Sigmund Freud, com ênfase na conceituação de ambos os autores sobre a pulsão de morte. Para tal propósito, a pesquisa pretende se pautar nos textos *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911) e *A destruição como origem do devir* (1912) de Spielrein e *Além do princípio do prazer* (1920), *O problema econômico do masoquismo* (1924), *O mal-estar na civilização* (1930), *Psicanálise e teoria da libido* (1923), *Por que a guerra?* (1932) e a 32ª das *Novas conferências* (1932), de Freud, de modo a levantar os pontos mais importantes presentes nestes trabalhos. Além disso, serão utilizados também documentos históricos que abordam a trajetória de Sabina Spielrein e sua relação com o movimento psicanalítico, como as cartas trocadas entre Jung, Freud e Spielrein, as atas da Sociedade Psicanalítica de Viena, o diário pessoal de Sabina Spielrein e documentos biográficos sobre Spielrein e Freud, assim como obras de alguns comentadores de ambos os autores. A partir da análise deste material procurar-se-á, em um último momento, levantar quais são seus pontos em comum e as divergências entre o conceito de pulsão de morte para ambos os autores, reafirmando também a importância de Sabina Spielrein no movimento psicanalítico e evidenciando se as suas contribuições podem colaborar com a teorização freudiana sobre a pulsão de morte.

De maneira geral, pretendo percorrer o trabalho da seguinte forma:

No Capítulo 1, pretendo retomar a trajetória de Sabina Spielrein, perpassando a histeria e a condição social da mulher do início do século XX, os seus encontros com Jung e Freud, sua trajetória como psicanalista, o nazismo, o stalinismo e o judaísmo. Buscarei também abordar, de forma breve, os motivos que justificam o “soterramento histórico” de sua obra e seu reconhecimento tardio.

No Capítulo 2, meu objetivo é estudar as obras de Sabina Spielrein, iniciando este percurso a partir da discussão do texto *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911). A seguir, será analisar o texto *A destruição como origem do devir* (1912), no qual a autora propõe o conceito de pulsão de morte,

buscando levantar quais são as principais características da teoria formulada por ela. Por fim, serão abordadas brevemente as repercussões de seu ensaio na época de apresentação, mencionando os autores da época que a este se referenciam.

No Capítulo 3, buscarei abordar a teoria freudiana das pulsões. Este percurso será iniciado por uma breve discussão a respeito do conceito de pulsão e do primeiro dualismo pulsional. Depois levantarei quais foram as principais questões que levaram Freud à hipótese da pulsão de morte, procurando delinear em linhas gerais a formulação do segundo dualismo das pulsões, proposto pelo autor.

Na Discussão irei ensaiar uma conversa entre Freud e Spielrein. Abordarei a importância da autora para o movimento psicanalítico, para depois discutir as relações entre os conceitos freudiano e spielreiniano de pulsão de morte. Este se tratará um capítulo que levanta mais reflexões, do que de fato guia para conclusões.

Por fim, nas Considerações Finais retomarei o percurso feito por este trabalho, comentando as principais conclusões levantadas. Apontarei também as principais dificuldades encontradas, assim como outras pesquisas possível sobre este tema.

1. MULHERES NA PSICANÁLISE: A TRAJETÓRIA DE SABINA SPIELREIN

1.1. A (re)descoberta de Sabina Spielrein

Eu também fui um ser humano. Meu nome era Sabina Spielrein
(SPIELREIN, 1904, apud RICHEBÄCHER, 2012, p. 335).

A trajetória de Sabina Spielrein não é somente a de mais um dos personagens que circundaram Freud no início do movimento psicanalítico. Além de ter sido um ser humano, conforme a autora remete em seu diário, uma das características que são marca fundamental de sua história, é o fato dela ser também mulher, e compor juntamente com Emma Eckstein, Margarethe Hilferding, Hermine von Hug-Hellmuth e Tatiana Rosenthal a primeira geração de mulheres psicanalistas da história, cujo percurso é marcado por uma série de peculiaridades oriundas do seu gênero.

Presentes na histografia das disciplinas psicopatológicas, entre as quais se situa a psicanálise, somente como pacientes e “casos” designados por prenomes inventivos, estas tiveram seus destinos marcados pela violência, pelo adoecimento, pelo suicídio e pela psicose. Suas proposições teóricas muitas vezes foram preteridas ou esquecidas e seus nomes passaram a ser reconhecidos somente a partir da década de 60, quando tornou-se possível identificá-las, nomeá-las e lhes conferir um lugar na história, a partir do surgimento de uma crítica ao saber clássico, caracterizada por ser a construção de uma “história das mulheres” (ROUDINESCO, 2009).

A este movimento integra-se a redescoberta de Sabina Spielrein, que até 1980 teve seu nome riscado das publicações teóricas e históricas em psicanálise. Condenada ao que Cromberg (2008, p. 307) denomina como um “soterramento histórico de sua obra” que resultou em um “efeito de eliminação da recordação e do registro histórico de Sabina Spielrein como uma indiscutível pioneira da psicanálise”, a autora teve este destino modificado quando em outubro de 1977 foi encontrado no porão do local que sediava o Instituto de Psicologia de Genebra uma série de documentos até então desconhecidos.

Descoberto por Aldo Carotenuto e Carlo Trombetta, este material continha

a correspondência autografa entre Sabina Spielrein e Jung, 46 cartas de Jung e 12 de Sabina; a correspondência entre Sabina Spielrein e Freud, 21 cartas de Freud e 2 de Sabina; o diário de Sabina Spielrein de 1909 a 1912; e além disso, cartas de Bleuer, Rank, Sketel e pessoas menos conhecidas (CAROTENUTO, 1984, p. 11).

e culminou na publicação do livro *Diário de uma secreta simetria* (1984), iniciando uma série de pesquisas sobre a vida e a obra desta autora, condensadas sob nome de Dossiê Spielrein. Situando-a nesta “história das mulheres” “a luz lançada sobre Sabina Spielrein mostra uma personagem conceitual da história do pensamento psicanalítico; o pioneirismo de sua obra reverbera com uma problemática psicanalítica, humana e cultural atual” (CROMBERG, 2014, p. 20).

1.2. Sabina Spielrein: mulher, judia, russa

A biografia de Sabina Spielrein vem se enriquecendo de descobertas à medida que as pesquisas sobre sua vida e obra se ampliam pelos diferentes continentes (CROMBERG, 2014, p. 31).

É no seio de uma família judia, rica e culta de Rostov, na Rússia, que Sabina Nikolayevna Spielrein nasceu em 25 de outubro de 1885. Filha mais velha de Nikolai Spielrein e Eva Lublinskaia, sua criação pautou-se por valores e costumes burgueses, onde a vida em comum e a educação eram determinadas pela ciência, pela cultura e pelo trabalho para a sociedade. Da mesma forma, organiza-se a divisão de tarefas e a tomada de decisões em sua família. Nikolai é descrito como um homem muito nervoso, exigente e obcecado pelo trabalho, enquanto Eva tem sua vida marcada pelo papel de esposa e mãe, sendo a responsável pela organização familiar (RICHEBÄCHER, 2012).

Sabina teve quatro irmãos, Jean, Isaak, Emilia e Emil e seus pais conferiram um valor especial à sua educação, investindo em seu aprendizado principalmente nas áreas da música e das línguas. Desde pequenas, as crianças participavam das atividades sociais e culturais da família e aos cinco anos de idade Sabina foi enviada para uma escola de educação fröebeliana cuja pedagogia

é caracterizada pelo esforço de incentivar o corpo, o temperamento e a energia das crianças. As disciplinas ensinadas são ginástica, geografia, matérias musicais e ciências naturais. As crianças devem fazer a maior parte das atividades por conta própria, e as lições são

acompanhadas por passeios ao ar livre (RICHEBÄCHER, 2012, p. 30).

Na medida que Nikolai “queria dar aos filhos a melhor educação e a melhor vida possível dedicada à ciência, livre de restrições financeiras” (CROMBERG, 2014, p. 34), Sabina cresceu em um ambiente de grande incentivo às atividades intelectuais e ao aprendizado de diversas disciplinas. Aos onze anos foi aprovada na difícil seleção para o Colégio Catarina de Rostov, um lugar de educação tradicional para meninas de classe alta, onde aprendia-se principalmente línguas, mas também física, matemática, história, literatura, lógica e religião.

Apesar do excelente desempenho, Sabina frequentemente sofria com as exigências paternas, dado que Nikolai projetava, segundo seus registros pessoais, que “todos, inclusive as filhas, devem concluir os estudos; devem estudar depois nas melhores universidades, com os melhores professores ”(RICHEBÄCHER, 2012, p. 34). Para tanto, fazia todos trabalharem arduamente, a partir de um rígido esquema de treinamento e punição.

Enquanto estudou no Colégio Catarina, em Rostov, Sabina escreveu um diário em três cadernos finos, com 15, 35 e 14 páginas. As entradas começam em 12 de setembro de 1896 e terminam em 9 de agosto de 1902, há várias interrupções. [...] O terceiro caderno continua a partir do outono de 1904 (RICHEBÄCHER, 2012, p. 325).

As lembranças da infância e adolescência de Sabina provêm deste material, traduzido do russo para o alemão, sem publicação em português. Os escritos deste diário são amplamente comentadas por Richebächer (2012) no livro *Sabina Spielrein: de Jung a Freud*, texto considerado até o momento a principal biografia sobre a vida e obra da autora.

Constantemente sob pressão e adoecendo com frequência, a menina que “desde criança [...] revela um rico mundo interior” (CAROTENUTO, 1984, p. 23) passa a se deprimir e sofrer em função de diversos conflitos com sua mãe. Aos 13 anos perde sua avó e aos 15 sua irmã, refugiando-se na solidão e se distanciando do apoio religioso. Apesar disso, Sabina continua a dedicar-se à escola, obtendo as melhores notas da classe (CROMBERG, 2014).

No ano de 1900, quando Sabina completa 14 anos, Eva começa a preparar o dote da filha. Esta atitude vai contra os planos da própria Sabina que aos 12 anos “confia ao seu diário seus desejos para o futuro: quando for adulta não vai se casar

e nem ter filhos seus. Quer adotar alguns pequenos órfãos, fazer com que se acostumem a ter uma mãe e educá-los segundo a religião judaica” (RICHEBÄCHER, 2012, p. 37).

Frente ao desejo materno de casamento, destino premeditado para as mulheres burguesas de seu tempo, Sabina demonstra uma grande ambivalência. Neste momento, volta a escrever em seu diário.

Como minhas opiniões e meus planos mudaram [...] Não consigo acreditar que apenas dois anos atrás eu escrevi tantas bobagens. Já chega; apesar de tudo a lembrança é valiosa, e é interessante saber como eu era na infância. Agora tenho fantasias bem diferentes: quando for adulta vou me casar. Meu marido vai me amar muito e eu também a ele. [...] Desde 31 de janeiro mamãe está preparando o meu dote. Em minha mente, porém, os pensamentos não são alegres, mas tristes, pensamentos que não quero escrever agora para não estragar o meu humor (SPIELREIN, 1900, apud RICHEBÄCHER, 2012, pp. 40 – 41).

A partir de 1902 Sabina deixa de escrever. Apresentando pensamentos e sentimentos mais maduros nessa época, ela sofre com a dor da perda da irmã e da avó, refugiando-se em si mesma a afastando-se de seus pais e irmãos. Em 1904, termina o ginásio com medalha de ouro de melhor aluna. Neste momento, segundo a tradição judaica deveria se casar, mas não o deseja. Como alternativa, decide investir em uma formação profissional, optando pela carreira médica. (RICHEBÄCHER, 2012).

No entanto, ao contrário de Isaak que tornou-se um físico-engenheiro, de Jean que virou um psicólogo e inventor de testes psicotécnicos, e de Emil que se especializou em agronomia,

na Rússia, como judia e mulher, ela [Sabina] não conseguiu achar um lugar para estudar. Aos 18 anos, não sabia que direção dar a sua vida. Foi quando entrou num grave estado psicológico: recusa a comunicar-se de qualquer forma com a família, se alguém lhe dirige a palavra, começa a dizer coisas sem nexos, faz ruídos incompreensíveis e caretas ou tapa os olhos com a mão. A situação entre a família e a jovem se tornou intolerável e decidiram buscar ajuda no exterior (CROMBERG, 2014, p. 35).

Como tentativa de solução, Sabina é enviada a Varsóvia e à estação curativa de Interlaken, na Suíça. Após ambos os tratamentos serem considerados mal sucedidos, Eva e seu tio materno Lublinski decidem levá-la para um atendimento neurológico em Zurique. Ao chegarem, o médico que buscavam se recusa a tratar

Sabina, levando-a a um estado de agitação incontrolável, que culminou em sua internação no Instituto Burghölzli, às 22h30 do dia 17 de Agosto de 1904 (CROMBERG, 2014).

1.3. A virada e o surgimento de novas possibilidades sublimatórias

A grande sorte de Sabina Spielrein é ser internada em Burghölzli, não em outra em outra clínica psiquiátrica particular qualquer. Os nove meses que passa na clínica se transformam em um ponto de inflexão e são determinantes para sua vida futura (RICHEBÄCHER, 2012, p. 8).

Localizado em Zurique, na Suíça, e inaugurado em 1º de Julho de 1870, o hospital Burghölzli nasceu com o intuito de “levar luz” para a loucura, dando um tratamento mais humano as pessoas com doenças mentais. Sob direção de Eugen Bleuler desde 1898, o hospital encontrava-se, na época da internação de Sabina, em um momento propício para o estudo e aplicação de métodos e tratamentos considerados pioneiros na época, entre os quais a psicanálise.

Considerada por Bleuler como uma ciência que consegue auxiliá-lo a “compreender sentido biográfico do discurso confuso de seus pacientes esquizofrênicos” (RICHEBÄCHER, 2012, p. 69), o diretor do hospital demonstrava grande interesse pelo pensamento freudiano, estudando-o e incentivando seus colaboradores a também o fazerem. Entre estes, estava o psiquiatra Carl Gustav Jung, assistente de Bleuler e figura que assumirá grande importância tanto na história de Sabina como também do movimento psicanalítico (RICHEBÄCHER, 2012).

Trabalhando no hospital desde 1900, Jung foi bastante influenciado pelo contato com a psicanálise, tendo lido *A Interpretação dos Sonhos* no ano de 1903, assim como outros trabalhos de Freud, Breuer e Janet e considerando a psicanálise como

essencial [...] principalmente devido as suas pesquisas fundamentais sobre a psicologia da histeria e dos sonhos. Suas concepções me mostraram um caminho a seguir para as pesquisas posteriores e para a compreensão dos casos individuais [na medida que,] Freud introduziu a questão psicológica na psiquiatria (JUNG, 1961, p. 114).

Apesar das intensas discussões sobre as produções freudianas, até o ano de 1904 esta não havia sido aplicada em nenhum paciente no Instituto Burghölzli. Com a internação de Sabina, caso que foi atribuído à responsabilidade de Jung, o psiquiatra teve pela primeira vez a chance de tentar este método, sob autorização de Bleuler que na época já trocava correspondências frequentes com Freud.

Diagnosticada ora como esquizofrênica, ora como psicótica histérica com traços esquizoides o caso de Sabina estimula, segundo Cromberg (2012, p. 26), “uma rica discussão a respeito do que é a loucura feminina aos olhos masculinos, o que é o sofrimento histérico e o que é o sofrimento esquizofrênico”. Dado o sucesso da aplicação do método psicanalítico na dissolução de seus sintomas e também levando em conta a história pessoal de Sabina, este muito provavelmente pode ser melhor entendido a partir de uma leitura semelhante ao que é descrito por Kehl em seu livro *Deslocamentos do Feminino* (2016). Neste, a autora analisa os casos das primeiras pacientes tratadas por Freud, descritos principalmente nos *a histeria* (1893 – 1895), considerando que

desde o fim do século anterior e durante todo o século XIX, as moças de família das grandes cidades europeias eram alvo de solicitações e expectativas bastante contraditórias. Se por um lado ainda vinham sendo educadas para o papel de esposas e mães, para uma vida sexual e doméstica [...], por outro, o chamado “mundo masculino”, o mundo das informações, da política, da ciência e dos negócios já não era uma referência tão distante quanto se possa pensar hoje e estendia suas solicitações até o reduto aparentemente isolado das donas de casa e das moças solteiras – as quais, no entanto, continuavam dependentes judicialmente dos maridos e dos pais (KEHL, 2016, p. 184).

Nesse sentido, a autora considera que o que está barrado para estas mulheres são as possibilidades de identificações que se diferenciavam da posição materna, o que tornou a histeria a “salvação das mulheres”, como sua única via de expressão frente aos desacordos entre as ideias tradicionais de feminilidade e suas aspirações enquanto sujeitos. A partir dessa situação, e da falta de possibilidades sublimatórias, o excesso pulsional encontrou na no sintoma histérico sua única alternativa possível de expressão (KEHL, 2016).

Retomando a infância e adolescência de Sabina, nota-se que sua história pessoal assemelha-se muito a este panorama. Educada segundo os ideais de seu pai para concluir os estudos e a universidade e demonstrando relutâncias ao casamento e à maternidade, como expresso em seu diário, seu desejo de investir

em uma carreira intelectual e tornar-se independente é barrado em função do fato de ser mulher e judia, o que a impede de ingressar em uma instituição universitária. A partir desse momento, suas possibilidades sublimatórias tornam-se reduzidas, o que agrava o estado psicológico de Sabina e culmina em sua internação que durou até 1º de Junho de 1905.

Durante este período, o tratamento com Jung se sucede de acordo com análise de Richebächer (2012) em três momentos transferenciais distintos. Primeiramente, é descrita uma fase denominada pela autora como caótica, na qual ela desafia e ameaça os funcionários do hospital, exigindo muito de todos que a cercam. A partir da adaptação na instituição, suas agitações diminuem e Sabina passa a tomar parte das atividades científicas do hospital como discussões de caso e os experimentos com o teste de associação de palavras de Jung, seguindo as práticas de terapia do trabalho de Bleuler, que buscava despertar nos seus pacientes o interesse por algo racional que os desviasse do sintoma.

Em outubro de 1904, a família de Sabina é comunicada que ela pretende iniciar os estudos de medicina em Zurique no próximo ano, o que se aproxima do início da segunda etapa de sua transferência com Jung, que tem caráter paterno com contornos sadomasoquistas. Nesse momento, ela testa Jung para saber se ele a leva a sério e se recorda do que diz, vigando-se de qualquer indicio de falta de atenção ou confiança. Ao mesmo tempo, exige que ele a trate mal, causando dor e procurando reações punitivas ou autoritárias. No entanto, com o avançar do tratamento a autora avalia que Jung foi perdendo sua posição terapêutica, na medida que passa a colocar também seus próprios sentimentos e questões na relação transferencial.

Por fim, esta acaba por adquirir um caráter erótico-sexual, levando um Jung ainda pouco experiente a envolver-se demasiadamente no caso, o que impediu uma avaliação à distância de sua relação com Sabina. Nesse momento, as descrições do médico sobre o caso passam a se tornar excessivamente ambivalentes. Apesar disso, ela permanece sendo tratada e atendida pelo médico, sob o olhar atento de Bleuler que observa o desenrolar da situação.

Em 17 de Abril de 1905, ainda internada, Sabina faz os exames e é aprovada na Escola de Medicina de Zurique, iniciando seus estudos na Universidade. Em 1º de Junho do mesmo ano recebe alta do hospital e muda-se para uma pensão,

prossequindo suas visitas ao Burghölzli e seu tratamento com Jung em uma frequência desconhecida.

1.4. Entre Jung e Freud

Enquanto Sabina cursava a universidade, sua relação com Jung foi aos poucos transformando-se em um misto entre paciente e amiga, o que acirrou as reações contratransferenciais por parte do médico. (CROMBERG, 2012). Tomando ciência da natureza dos sentimentos de Sabina por Jung, Eva solicita a ele que a encaminhe para um médico mais experiente, levando Jung a escrever sua primeira carta a Freud, em 19 de Setembro de 1905, a qual nunca foi recebida por ele (RICHEBÄCHER, 2012).

Esta carta não está registrada em grande parte dos arquivos histográficos a respeito da relação entre Freud e Jung, os quais datam o primeiro contato entre ambos no ano de 1906 quando Jung lhe envia um exemplar do livro *Estudos de associação diagnóstica*, que inclui seu artigo de doutorado denominado *Sobre a psicologia da demência precoce*. A partir de então, iniciou-se a troca de correspondências entre Freud, o pai da psicanálise, e Jung, seu príncipe herdeiro, a qual transformou-se em um período de extensa amizade e colaboração entre ambos, em que “em intercâmbios corteses, os dois discutiam o papel da sexualidade na gênese das neuroses, trocavam separatas e livros e intercambiavam esboços de casos que os intrigavam de modo particular” (GAY, 2012, p. 211).

Entre os casos discutidos por ambos, constam duas descrições de Jung a respeito do tratamento de Sabina, que na época já o afligia. De acordo com levantamento feito por Carotenuto (1984), Jung escreve a respeito deste em 23 de Outubro de 1906 e em 6 de Julho de 1907, sem dar informações suficientes a Freud, de maneira que lhe permitisse notar o caráter da relação que se desenvolvia entre eles ou que ambas as descrições se referiam à mesma paciente.

A este respeito, Cromberg (2014, p. 75) acrescenta que

quando Jung escreve que está tratando Sabina como paciente, ela já não se considerava como tal. Para ela, o fim do tratamento foi sua alta de Burghölzli, sendo que depois se iniciou uma amizade protetora com Jung, quando ele conversava não apenas sobre ela, seus atendimentos e sua vida em Zurique, mas sobre si mesmo, seus projetos e sua vida emocional. Para Jung, ele estava

continuando a análise pessoal de Sabina ainda que depois admitisse relutantemente a Freud, a presença de seus afetos e de seu mundo interno nessa relação.

Durante este período, Sabina permaneceu na universidade, onde Jung passara a dar aulas e a ser seu professor. Além das relações acadêmicas, ambos continuam a se comunicar também por cartas, via pela qual se aproximam cada vez mais, concomitantemente a um momento em que Sabina passa a desenvolver também

um amplo espectro de ideias científicas: conceitos psicanalíticos, socialismo *versus* capitalismo, o tema da diferença entre os sexos e, sempre e novamente – agora no nível teórico –, a pergunta torturante: “O que é realmente esta coisa horrível: o amor?” [...] Com isso já são reconhecíveis contornos de ideias que vão dar a base de seu trabalho metapsicológico posterior sobre o impacto do impulso¹ sexual, a transformação e o impulso de morte (RICHEBÄCHER, 2012, p. 140).

1.5. Uma nota sobre a narrativa a respeito de Sabina Spielrein

Entre os anos de 1908 e 1909, Sabina tornou-se também amante de Jung, o que até o presente momento pode ser considerada a passagem mais abordada de sua trajetória, principalmente nos trabalhos que se pretendem a filmar a história da psicanálise, como é o caso dos filmes *Um método perigoso* (2011) e *Jornada da alma* (2002). A descoberta deste momento da história da psicanálise, iniciada a partir da publicação da obra de Carotenuto (1984) gerou

um primeiro efeito de surpresa e fascínio pelo que havia de “picante” nessa história de um psicanalista, Jung, que corresponde à paixão de sua analisanda, Sabina, e vive com ela “poesie” [termo utilizado por Sabina para definir a relação sexual amorosa com Jung], uma relação de entrega amorosa com todos os tumultos inerentes a isso (CROMBERG, 2008, p. 205).

Sem negar a importância de Jung na trajetória de Sabina, mas equivalendo esta a de demais figuras históricas como Freud, Bleuler, e outras mulheres e homens que ainda não foram mencionados, o presente trabalho optou por comentar somente o material produzido a este respeito, sem entrar em detalhes do romance entre ambos. Considerando que as narrativas a sobre este momento são facilmente

¹ O termo impulso, da maneira como referido, pode ser melhor traduzido por pulsão.

encontráveis e atribuem importância e foco excessivo somente em detalhes da vida privada e sexual de Sabina, concordo com a análise de Cromberg (2008, p. 205) que afirma que estas produções ajudam a deturpar a importância de sua biografia e obra na medida que “ainda que tenha tido um primeiro efeito positivo de recuperação de uma memória afetiva fundamental, esse efeito de fofoca vem produzindo uma nova operação de velamento”.

Dito isso, a autora comenta o filme *Jornada da alma* (2002), enfatizando que este apresenta uma história excessivamente romanceada, que enfoca a relação de Sabina com Jung, assim como seus efeitos e consequências para ambos. Apesar do mesmo narrar a trajetória de Sabina até sua morte e de mostrar de maneira considerada distorcida seu trabalho, sua obra escrita é totalmente ignorada, assim como o grande parte de sua história posteriormente à ruptura com Jung.

O mesmo pode ser afirmado a respeito da obra *Um Método perigoso* (2011), cujo lançamento sucede o texto de Cromberg (2008). Considerado por Dunker (2015) como um retrato fiel dos primeiros tempos da psicanálise, este retoma o aspecto contracultural de seu início, em associação com o judaísmo e a sexualidade revolucionária, abordando com sobriedade a relação entre Freud e Jung e mostrando seus principais momentos, como o primeiro encontro dos dois autores em março de 1907, o conflito geracional entre ambos e sua ruptura.

No entanto, apesar do fato de que

a “loucura” de Sabina é causa eficiente do filme, que a torna uma personagem tão atual, marcada pela experiência de dissolução de si. É ela que demanda reconhecimento para a impossibilidade de reconhecimento, que alerta para a insanidade das fronteiras e para a força criativa que acompanha a destruição da individualidade (DUNKER, 2015, p. 93).

A mesma fidelidade conferida à história de Freud e Jung não pode ser vista no que diz respeito a ela. Novamente, trata-se de um filme que retrata excessivamente os sintomas de Sabina e seu relacionamento com Jung e que, apesar de enfatizar sua cura, é interrompido no momento de sua ruptura com o príncipe herdeiro da psicanálise, sem ser dada ênfase à trajetória de Sabina posterior a sua formação universitária, ao seu trabalho ou a sua obra. Como um filme a respeito da história da psicanálise, este é bastante fiel ao momento que pretende retratar, no entanto no que confere a Sabina e sua história, o mesmo novamente adquire o efeito fofoca, e

reverbera sua posição somente como figura ligada a um homem, na posição de sua amante e parceira sexual.

Como exceção a este panorama, ainda tratando-se a filmografia a respeito de Sabina, pode ser mencionado o documentário *Meu nome era Sabina Spielrein* (2002) que traz um retrato bastante fiel de sua história, vida e obra. Este no entanto, não foi lançado no Brasil.

1.6. Freud: Entre Jung e Spielrein

O romance de Sabina e Jung durou até o ano de 1909, quando temendo por seu casamento e por sua posição social, ele decide por rompê-lo. Sem revelar ainda a Freud que se referia à paciente das duas cartas precedentes, Jung lhe escreve a respeito do ocorrido em 7 de Março de 1909. Pouco depois, em 30 de Maio de 1909, Sabina também escreve pela primeira vez ao pai da psicanálise, lhe solicitando um encontro (CAROTENUTO, 1984).

Após um pedido de esclarecimentos por parte de Freud, Jung (MCGUIRE, 1993, p. 252, 144J) lhe escreve uma carta em 4 de Junho de 1909 na qual tenta lhe esclarecer a respeito da questão.

A pessoa sobre quem lhe escrevi é Spielrein. Em forma resumida, ela foi publicada em minha palestra de Amsterdam de saudosa memória. É que por assim dizer foi meu caso-teste, razão pela qual guardei por ela um carinho e uma gratidão especiais. Como eu sabia por experiência prévia que sofreria uma recaída imediata, caso lhe retirasse meu apoio, prolonguei o relacionamento por anos e acabei por me sentir na obrigação moral de consagrar-lhe grande parcela de amizade, até notar que as coisas tinham tomado um rumo desejado, quando enfim rompi com ela. É claro que sistematicamente planejava me seduzir, o que julguei oportuno. Agora está querendo se vingar. Andou ultimamente a espalhar o boato de que vou me divorciar de minha mulher para casar com uma estudante, o que deixou vários de meus colegas na maior vibração. Ignoro o que ela agora trama. Mas desconfio que não seja nada de bom, a menos que pretenda usar o senhor como intermediário.

Neste momento, Jung se exime de sua responsabilidade ética como psicanalista, depositando em Sabina e em seus sintomas a razão do problema que suscitaram. Colocando-a em um papel de mulher “louca” e “histérica” que havia o seduzido e agora vingava-se, como fazem os discursos machistas e misóginos, a desmerece diante de Freud, que se posiciona de maneira política diante do ocorrido.

Sempre inclinado a intervir nos casos amorosos de seus discípulos, Freud recorria à psicanálise para interpretar a significação dos conflitos que surgiam não só em suas vidas, como em cada etapa da constituição de seu movimento (ROUDINESCO, 2016, p. 168).

Com o intuito de apaziguar o conflito que se formara, ele escreve a Sabina aconselhando-a a reprimir os seus sentimentos por Jung. Nesse meio tempo, Eva Spielrein também entra em contato com Jung ao ser informada da situação, que só se apazigua quando torna-se possível que ele converse com Sabina. Ela o intima a revelar a Freud a verdade dos fatos, o que Jung aceitou, de maneira que logo em seguida ela recebe uma carta de desculpas de Freud (RICHEBÄCHER, 2012).

Como resultado deste episódio, Sabina acaba por afastar-se de Jung, apesar de ambos continuarem a se comunicar por cartas até 1919, correspondências que com o passar do tempo adquirem “um tom mais impessoal e didático” (CAROTENUTO, 1984, p. 56). Em contrapartida, inicia um período de correspondências e aproximação com Freud, tornando-se sua discípula e passando então “a militar pela grande causa da psicanálise” (ROUDINESCO, 2016, p. 169).

1.7. Sabina Spielrein, psicanalista

O Prof. Freud, a quem agora amo ternamente, está entusiasmado comigo, fala a todos do meu “estupendo trabalho”, e também pessoalmente me trata com tanta gentileza (SPIELREIN, 1912).

No início de 1911, Sabina se forma em medicina na Universidade apresentando como tese de dissertação a obra *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911), publicado no mesmo ano no *Jahrbuch*.² Ela “é a primeira mulher da história a se formar como doutora em medicina abordando um tema psicanalítico [realizando também] um dos primeiros usos públicos do termo cunhado por Bleuler (esquizofrenia)” (CROMBERG, 2014, p. 37).

Convidada a trabalhar no Burghölzli, Sabina parte para Munique para finalizar seu trabalho *A destruição como origem do devir* (1912) e a seguir vai para Viena se encontrar com Freud. Permanecendo na cidade, ela participou pela primeira vez das

² “Criado em 1909 por iniciativa de Sigmund Freud e Eugen Bleuler, o *Jahrbuch* [Anais de pesquisas psicanalíticas e psicopatológicas] foi a primeira revista oficial do movimento psicanalítico [...]. Deixou de existir em 1913, após o conflito entre Freud e Carl Gustav Jung.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.407)

reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena (Wiener Psychoanalytische Vereinigung - WPV), a primeira instituição de psicanálise do mundo, na qual transformara-se a Sociedade das Quartas-Feiras, após sua dissolução em 1907 (ROUDINESCO, 2009).

Neste período, foi aceita como membro da Sociedade, sendo a segunda mulher a ser integrada ao círculo freudiano, sucedendo somente Margarethe Hilferding. A nomeação de Sabina ocorre em 11 de Outubro de 1911 na primeira Sessão após o fim do verão, a qual marcou também a ruptura definitiva entre Freud e Adler, gerando a renúncia de seus partidários. Entre estes, encontrava-se Hilferding, o que tornou Sabina a única mulher na Sociedade até fevereiro de 1912, quando Tatiana Rosenthal entrou no grupo.

Enquanto permaneceu em Viena, Sabina apresentou à Sociedade uma parte do trabalho *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912), no qual introduz o conceito de pulsão de morte na psicanálise. Após uma ampla discussão, usada principalmente para criticar Jung (RICHEBÄCHER, 2012) Freud escreve a ele comentando a apresentação.

Fräulein Spielrein leu um capítulo do seu ensaio ontem (quase escrevi o *ihrer* [seu(dela)], seguindo-se um esclarecedor debate. Fiz algumas objeções ao seu [*Ihrer*] (desta vez falo sério) método de lidar com a mitologia e levantei-as na discussão com a menina. Devo dizer que ela é bastante amável e que começo a compreender (MCGUIRE, 1993, pp. 475 – 476, 286F).

Sabina manteve-se em Viena até abril de 1912, período em que “consegue muitas conquistas profissionais: é membro da Sociedade Psicanalítica, trabalha com sucesso como analista e seu novo artigo deve ser publicado no Anuário [*Jahrbuch*] no verão” (RICHEBÄCHER, 2012, p. 181). Além disso, Freud pede a ela que seus escritos sejam publicados com exclusividade por revistas da Associação Psicanalítica Internacional, e entre os anos de 1912 e 1914, Sabina publicou ao todo onze trabalhos nestas (CROMBERG, 2014).

Neste período, a psicanálise tornara-se para Sabina um campo sublimatório, um lugar de acolhida onde podia estudar, pesquisar, escrever e publicar. Apesar de transitar em um ambiente que na época era predominantemente masculino, Sabina foi bastante acolhida por Freud, e encontrou um espaço onde podia seguir suas aspirações de exercer uma profissão e de se tornar independente financeiramente.

Passando do status de doente ao de clínica, [Sabina] foi a primeira mulher do movimento psicanalítico a seguir de fato uma carreira e, conseqüentemente, a ingressar numa história de que as mulheres, salvo por sua atuação como pacientes ou esposas, haviam sido excluídas (ROUDINESCO, 2016, p. 174).

1.8. Ligações e desligamentos

Estabelecida profissionalmente, Sabina retorna para Rostov, onde casa-se com Pavel Scheftel, um judeu que trabalhava como médico pediatra e veterinário e que nunca havia saído da Rússia. O casal permanece por um breve período no país, no entanto, “a aversão a uma vida no reino dos czares está profundamente enraizada em Sabina Spielrein. Foi graças à sua primeira estadia em Zurique que ela conheceu Jung, a psicanálise e uma perspectiva real de vida” (RICHEBÄCHER, 2012, p. 187), de maneira que ambos logo mudam-se para Berlim onde tem sua primeira filha, Irma Renata.

Em setembro de 1912 *A destruição como origem do devir*, texto em que Sabina introduz o conceito de pulsão de morte na psicanálise, foi publicado no *Jahrbuch* logo depois da segunda parte do trabalho de Jung denominado *Símbolos da transformação*. Neste, Jung (1961) afirma que são é exposta sua própria concepção de libido e de incesto, que revelam seu afastamento de Freud.

No âmago das discordâncias entre aquele que fora seu analista e amante e de seu professor, Sabina publicara um texto que gerou grandes controvérsias.

Paul Federn é quem se encarrega da resenha, abordando detalhadamente o “trabalho minucioso e interessante” de Spielrein. Ele elogia sua originalidade, as interessantes tentativas de análise e a capacidade da autora de formular ideias estimulantes. Porém, como era de se esperar, critica o fato de ela complementar o conceito freudiano de libido com um componente destrutivo, e também o fato de introduzir novos conceitos de pulsão, como o impulso destrutivo e de transformação, para explicar certos fenômenos clínicos. O trabalho de Spielrein, conclui Federn, “tem uma orientação junguiana” (RICHEBÄCHER, 2012, p. 193).

No período de publicação desta obra, a ruptura entre Freud e Jung já é iminente. Apesar do pai da psicanálise tentar manter a ideia de que havia depositado sua herança em mãos seguras, a discordância de ambos a respeito do conceito de libido aumentara no decorrer dos anos, somando-se a diversos episódios pessoais e conflitos psicológicos, como o “gesto de Kreuzlingen” e a formação do comitê

secreto de Freud. Oscilando entre tratamentos cordiais e divergências, Freud e Jung mantiveram sua relação durante o ano de 1913 quando Jung renunciou ao cargo de editor do *Jahrbuch*, e em seguida ao de presidente da Associação Psicanalítica Internacional, separando-se definitivamente de Freud após a publicação do texto *História do movimento psicanalítico (1914)* (GAY, 2012).

Fiel a Freud do ponto de vista científico mas não pronta para romper pessoalmente com Jung, Sabina manteve uma posição ambígua em meio ao conflito que ambos protagonizavam. Procurando evitar o rompimento entre os dois homens, buscava reafirmar as semelhanças teóricas entre ambos, frisando suas diferenças teóricas e ideológicas em relação aos dois.

Sediada em Berlim, onde a Sociedade de Psicanálise era presidida por Abraham, a posição ambígua de Sabina não foi bem aceita por seus colegas. Além das divergências pessoais entre Sabina e Abraham, frutos principalmente das relações entre ele e Jung, o grupo berlinense, era bastante resistente à entrada de mulheres no movimento psicanalítico, ao contrário do de Zurique, para onde ela e seu marido decidem se mudar (CROMBERG, 2014; ROUDINESCO, 2016).

Após a ruptura entre Freud e Jung, Sabina manteve-se teoricamente ligada ao primeiro, seguindo os pilares fundamentais da psicanálise em seu trabalho como psicanalista. Apesar de se distanciar emocionalmente de Jung, por muito tempo ambos trocaram correspondências teóricas, nas quais intelectualmente discutiam ideias que pautavam a construção tanto do pensamento de Sabina, quanto da psicologia analítica.

1.9. Entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial

O início da primeira guerra mundial em 1914, foi um momento de virada tanto para a trajetória pessoal de Sabina, quanto para o percurso teórico e histórico do movimento psicanalítico.

Compelindo, ao mesmo tempo, os freudianos a desistir de seus congressos, cessar suas atividades, suspender suas correspondências e suas produções editoriais [a guerra,] em suma, obrigava-os a se interessar por outra coisa que não seus trabalhos científicos e sua luta inglória contra “Jung, essa besta”, ou contra os “zuriquenses”, os quais, aliás, não participavam da fúria das outras nações (ROUDINESCO, 2016, p. 204).

Será em função desse momento, e da perda de diversos discípulos para os campos de batalha e para a morte, que surgirá na teorização de Freud os *Ensaio de metapsicologia (1915)*, o pensamento sobre a vida e a morte, a segunda tópica e os denominados textos sociais do autor. “O grande morticínio de 1914 a 1918, com a revelação de verdades cruas sobre a selvageria humana nos combates e em editoriais belicosos, também levará Freud a atribuir um papel de destaque à agressão” (GAY, 2012, p. 401). Mesmo que reformulada, será neste momento que a ideia apontada por Sabina, sobre uma pulsão de morte ou destruição, passará a ganhar espaço no movimento psicanalítico.

Durante o primeiro ano da guerra, Sabina permaneceu na Suíça, considerada um terreno de neutralidade. Abandonada por Pavel em 14 de Janeiro de 1915, quando ele decide deixá-la em nome de uma convocação para os campos de batalha russos, ela tem neste momento 29 anos e cria sozinha Irma, que na época tinha apenas 1 ano. Não conseguindo retornar para sua terra de origem em função da situação vigente na Europa, permanece distante de sua família, sem previsão de vê-los.

De Zurique, muda-se para Lausanne, também na Suíça, lugar do Ocidente onde se fixa por cinco anos. Entre 1915 e 1916/17 publica os artigos *Uma sentença inconsciente* e *As manifestações do complexo de Édipo na idade infantil*, na Revista Internacional de Psicanálise Médica, editada pela Sociedade de Psicanálise Internacional. Após este momento, atravessa um período de grande improdutividade no campo (RICHEBÄCHER, 2012).

Sozinha e exercendo uma dupla jornada de trabalho, por meio da qual deve se sustentar e também exercer a maternidade de Irma, Sabina teme a guerra e o antissemitismo. Afastada de todas as suas figuras de referência e encarregada de criar sua filha sem nenhum tipo de rede de apoio em um período no qual a Europa estava assolada pela guerra, sua improdutividade provavelmente resulta da situação de medo e preocupação que enfrenta.

Sem produções ou renda oriundas da psicanálise, ela arranja um trabalho como cirurgiã, redescobre seus interesses musicais e rascunha um romance denominado *Les Vents*, que segundo Richebächer (2012, p. 215) pode ser lido “como a crônica de uma depressão”. A estadia de Sabina em Lausanne assim como o período em que ela se distancia da psicanálise durou até setembro de 1920, quando

a guerra já havia acabado, e ela se viajou para participar pela primeira vez de um congresso de psicanálise.

Sediado em Haia, na Holanda, o VI Congresso Internacional de Psicanálise consistiu no primeiro encontro internacional de psicanalistas no pós-guerra. Contando com a participação de muitas mulheres, este buscava que os anos de guerra fossem enlutados, de modo a normalizar a formação de terapeutas, assim como as discussões da teoria e política psicanalítica (ROUDINESCO, 2016).

Durante o evento, Sabina apresentou um trabalho sobre “O surgimento e o desenvolvimento da fala articulada”, “um esboço visionário de uma teoria da construção da linguagem e do significado do aleitamento e do ato de sugar no desenvolvimento da criança” (RICHEBÄCHER, 2012, p. 228). Além disso, discute com os participantes a respeito do restabelecimento das relações com a psicanálise russa, que se encontravam interrompidas naquele momento.

Com o término do congresso, Sabina muda-se para Genebra, com o intuito de trabalhar no Instituto Jean-Jacques Rousseau, um local “bastante reconhecido como instituição de pesquisa e ensino de questões da psicologia desenvolvimentista, de pedagogia educativa e reformadora” (RICHEBÄCHER, 2012, p. 230). Aproximando seus trabalhos da área da pedagogia, da educação e do desenvolvimento da criança, ela vive um período bastante produtivo neste retorno à Suíça, publicando seis artigos sobre a análise infantil no ano de 1920 e dando um curso sobre psicanálise e pedagogia no Instituto em 1921.

Neste mesmo ano, ela tornou-se analista de Jean Piaget, que havia sido aceito na Sociedade Suíça de Psicanálise e iniciado uma participação no Instituto Jean-Jacques Rousseau. Além disso,

Piaget e Spielrein desenvolveram um trabalho conjunto sobre as origens do pensamento e da linguagem nas crianças com muitas convergências, embora tenham seguido mais tarde objetivos diferentes, e se engajaram em uma elaboração conjunta de uma teoria da simbolização que nunca foi escrita (CROMBERG, 2014, p. 41).

Mantendo uma abertura conceitual e combinando as experiências psicanalíticas com outros métodos psicológicos como a neuropsicologia, Sabina permanece estudando, publicando e trabalhando como analista. Entre 22 e 27 de agosto de 1922, participa juntamente com Piaget do VIII Congresso Internacional de Psicanálise em Berlim onde palestra sobre “Uma contribuição psicológica sobre o

problema do tempo”. Depois disso, passa a dar aulas diárias sobre psicanálise educativa no Instituto Jean-Jacques Rousseau, além de outras diversas palestras para o público especializado e leigo.

No entanto, o período de prosperidade se encerra e Sabina passa a se considerar insatisfeita por não se adaptar às concepções científicas dos genebrinos e por sofrer com dificuldades financeiras. Além disso, sua mãe morrera em 25 de março de 1922, aumentando a pressão de seus demais parentes para que retornasse para seu país de origem. Enquanto oscila entre a permanência no Ocidente e o retorno para seu país de origem, ela recebe de Pavel uma carta, lhe exigindo que volte para a União Soviética ou que terminem de vez. Freud também aconselha que ela retorne, ao invés de ir para Berlin. Obtendo um trabalho em Moscou e um visto de retorno, ela decide pela primeira opção, retornando para sua terra natal no ano de 1923 (RICHEBÄCHER, 2012).

Antes de partir, Sabina guarda seus diários, documentos, papéis pessoais, as cartas dos pais e irmãos, as cartas de amigas e colegas, sua correspondência com Sigmund Freud e C.G. Jung em uma valise marrom média. Ela deixa esse pesado pacote com o Prof. Claparède, no Instituto de Psicologia de Genebra (RICHEBÄCHER, 2012, p. 259).

Este é o material que foi encontrado 54 anos depois de sua partida, no ano de 1977, e que despertou os estudos a respeito da vida e obra de Sabina, assim como a recuperação de sua memória, até então recalcada da história da psicanálise.

1.10. Entre a revolução Russa, o Stalinismo e o Nazismo

O país de origem de Sabina sofrera severas mudanças desde sua última partida em 1912. Além de como o restante do continente Europeu ter atravessado a primeira guerra mundial, este havia passado também pela Revolução Russa que acabara com o regime czarista. Quando ela retorna, a União Soviética encontra-se sob domínio bolchevique e passa por um período de euforia, modernização e reforma social (RICHEBÄCHER, 2012).

Iniciados na Rússia durante a primeira década do século XX, os estudos psicanalíticos também floresceram no período pós-revolução. As obras freudianas estavam traduzidas para o idioma russo e diversas associações de estudos da psicanálise foram criadas, sendo estas unificadas e filiadas a IPA em setembro de

1923, sob o nome de Associação Psicanalítica Russa (ROUDINESCO; PLON, 1997).

Recentemente chegada de Viena a conselho de Freud, Sabina Spielrein logo aderiu à nova Associação à qual se juntavam [...] cerca de 30 membros, o que, para a época, era um número muito elevado. O movimento psicanalítico russo estava em seu apogeu. (ROUDINESCO; PLON, 1997, p. 675).

Vivendo em Moscou, Sabina passou a trabalhar também no Instituto Estatal de Psicanálise. Sendo considerada a “psicanalista com melhor formação na Rússia” em função de seu longo trajeto no campo, ela integra-se à presidência da Associação e do Instituto. Além disso, leciona a respeito de diversos temas, dirige a policlínica psicanalítica e um ambulatório infantil especial, assume a coordenação de psicologia infantil da Universidade Estatal I e trabalha em um abrigo infantil de Moscou, considerado uma instituição de pesquisa para a criação de uma pedagogia fundada na psicanálise e no marxismo.

Neste período, Sabina trabalhou com diversos nomes importantes da psicanálise russa, entre estes Vera Schmidt, Otto Schmidt, Aleksandr Luria, Ivan Yemakov e Moshe Wulff. Passado aproximadamente um ano de sua chegada, o aumento dos debates e confrontos científicos somados a outras tensões internas do Instituto passaram a dificultar a permanência de Sabina em Moscou. Pressionada por Pavel que havia tido uma filha de outra relação, ela retorna para Rostov na primavera de 1924, retomando seu casamento e dando à luz em 18 de junho de 1926 a sua segunda filha: Eva.

Apesar da mudança, Sabina continuou trabalhando e exercendo a psicanálise e a pedagogia. Suas atividades desenvolvem-se no ambulatório escolar profilático de Rostov, assim como na policlínica psiquiátrica local, onde tratava crianças e adultos. Além disso, nesta época ela também pesquisa, leciona na Universidade de Rostov e publica seus últimos trabalhos denominados *Alguns breves aportes sobre a vida infantil* (1927/1928) e *Desenhos infantis feitos com olhos abertos e fechados* (1931), obras consideradas um “deslocamento semelhante ao dos psicanalistas da segunda geração, de orientação socialista ou comunista e que realizaram diversas tentativas de unir teoricamente Freud e Marx” (RICHENBÄCHER, 2012, p. 286).

De acordo com Cromberg (2014, p. 44) após o retorno para Rostov

Spielrein continuou usando sua própria técnica de terapia infantil, concentrando-se na influência da atuação da manifestação do que foi reprimido. Criticou a teoria dos reflexos de Pavlov e Bechterev, investigou a influência de experiências sinestésicas sobre a estrutura do pensamento e da linguagem, as manifestações diferentes da linguagem e do pensamento infantil e adulto com excitação de estruturas corticais e subcorticais.

Pelo fato de que as discussões a respeito da psicanálise na União Soviética apresentavam a peculiaridade de estarem relacionadas com o poder e serem utilizadas para fins políticos, seu uso e prática eram muito suscetíveis às alterações no regime, o que ocorreu no ano de 1924 com a morte de Lenin e a ascensão de Stalin.

A partir de 1927, com a supressão da liberdade de associação e a stalinização do sistema soviético, o movimento psicanalítico russo se extinguiu progressivamente. [...] No campo da psicologia, a discussão sobre o estatuto da psicanálise se desenvolveu no contexto de um pavlovismo triunfante, erigido em árbitro do materialismo proletário. [...] Em 1930, pode-se dizer que a psicanálise fora erradicada da URSS, embora um punhado de clandestinos a praticassem durante algum tempo. Os antigos freudianos se orientaram para outras atividades, enquanto os livros de Sigmund Freud eram relegados a bibliotecas especializadas. O modelo pavloviano dominava então toda a psicologia (ROUDINESCO; PLON, 1997, p. 675).

Ao longo deste processo, todas as instituições de estudo ou prática da psicanálise fecharam as portas, como a Associação Psicanalítica Russa, o abrigo infantil, os cursos e palestras em universidades, a pedologia e a psicotécnica. Em 1933, a psicanálise é oficialmente proibida na União Soviética e os contatos entre os psicanalistas russos e ocidentais são restringidos, assim como as entradas e saídas da população soviética de seu país.

Sem poder mais exercer sua profissão, Sabina passa a sobreviver com um trabalho de médica em uma escola. Durante os anos de 1937 e 1938 ela perde todas as suas referências próximas. Pavel morre de infarto no meio da rua, seus irmãos Jean, Isaak e Emil são presos e mortos pelo regime e seu pai após ser encarcerado e solto também falece. Novamente, sozinha, criando duas filhas e necessitando se sustentar, ela encontra apoio em Olga Snitkova, a mãe da outra filha de Pavel, com quem firma um pacto de mútuo cuidado e proteção de si e de suas filhas (RICHENBÄCHER, 2012).

A situação se torna mais hostil no momento em que Hitler rompe o pacto de não agressão que havia firmado com Stalin, invade a União Soviética e firma a Operação Barbarossa em 22 de junho de 1941. Rostov, onde se sediava Sabina, é invadida pela primeira vez em 20 de novembro de 1941 e conquistada durante a Operação Azul, em 23 de julho de 1942.

Em janeiro de 1942 foi aprovado o extermínio de todos os judeus da Europa. Em Rostov, a população judaica, que não vivia em guetos, é chamada para se registrar. A seguir são espalhados pela cidade cartazes que convocam os judeus a comparecerem em locais e datas específicas para se mudarem para uma zona residencial própria, entregando as chaves de suas casas e levando seus objetos de valor. Este é o caminho para o extermínio. Chegando ao local de concentração, estes eram aglomerados e levados para a Ravina da Serpente, onde ocorriam os assassinatos em massa (CROMBERG, 2014).

Segundo levantamento de Richenbacher (2012), formulários no Arquivo do Holocausto do memorial Yad Vaschem em Jerusalém atestam a morte de Sabina, Renata e Eva durante o extermínio em Rostov no ano de 1942. Não se sabe ao certo a data ou as circunstâncias de sua morte, sobre a qual são apresentadas várias versões cujos detalhes são pouco relevantes diante da violência dos fatos, ocorridos ao lado de suas duas filhas, em sua cidade natal.

Tantas versões, tantas repetições de um chocante fim trágico, trauma que pede elaboração, inelaborável, como se ao escrever várias versões de sua morte pudéssemos esconjurar o horror de uma destruição que ela sempre quis que fosse a causa do devir, mas que, no seu próprio fim, foi aquilo que Freud dissera: o puro mal, a fúria narcísica onipotente, o puro prazer de humilhar, maltratar e destruir. Sem devir (CROMBERG, 2014, p. 55).

1.11. O devir de Sabina Spielrein

Quando eu morrer [...] o corpo deve ser cremado, mas ninguém deve estar presente. As cinzas devem ser divididas em três partes. Uma parte deve ser colocada em uma urna e enviada para casa; a segunda deve ser espalhada na terra, no meio de um imenso campo (perto de casa); lá deve ser plantado um carvalho com a inscrição: "Eu também fui um ser humano. Meu nome era Sabina Spielrein" (SPIELREIN, 1904, apud RICHENBÄCHER, 2012, p. 335).

Sabina Spielrein foi uma psicanalista pioneira que ocupou cargos importantes nas sociedades e instituições de psicanálise e cujos textos foram bem recebidos por Freud e seus demais discípulos. O panorama geral de sua trajetória pouco pode ser atrelado ao esquecimento absoluto de sua pessoa, história ou obra. Após narrar a sua morte, resta-nos responder o que justificou o seu soterramento histórico e como recuperar a sua importância.

Cromberg (2008), em uma análise detalhada deste processo, afirma que as razões do esquecimento de Sabina se originam na intersecção de forças políticas gerais, institucionais e culturais. Nesse sentido “seu percurso psíquico, emocional, profissional e social, e as condições históricas, sociais, institucionais, culturais de seu tempo que estão envolvidas no esquecimento de sua obra e de sua importância para a psicanálise” (CROMBERG, 2008, p. 411).

Ter sido uma mulher, judia e russa que enfrentou as imposições da sociedade de sua época e iniciou uma carreira psicanalítica, criou praticamente sozinha suas duas filhas, enfrentou a misoginia de figuras do próprio movimento para consolidar seu lugar como teórica importante, esteve entre Jung e Freud, entre os embates da psicanálise com a psiquiatria, entre o nazismo e o stalinismo, entre as duas Guerras Mundiais, entre a Revolução Russa e o holocausto são as muitas razões que podem ser apontadas para o esquecimento de Sabina. No entanto, são também estes os motivos que reafirmam a importância de se conferir a ela um lugar na história.

“Em 19 de Abril de 2003, foi plantado um carvalho na Garganta da Serpente para Sabina Spielrein, tal como ela expressou em seu texto” (RICHENBÄCHER, 2012, p. 315). O carvalho cresce como o reconhecimento de seu lugar que desde a semente plantada pelo livro de Carotenuto (1984) vem se amplificando com o passar do tempo, movimento que ao transpassar as barreiras do recalçamento e da destruição de sua obra e vida permite seu devir.

Presente somente nas referências da biografia de Freud escrita por Jones (1989), citada – de maneira quase analógica ao que é feito em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920) – apenas em uma nota de rodapé da obra *Freud: uma vida para o nosso tempo* (2012), a história e a obra de Sabina são amplamente comentadas por Roudinesco (2016) na nova biografia de Freud, denominada *Sigmund Freud: Na sua época em nosso tempo*. Este é um marco de sua entrada na história do movimento psicanalítico, demonstrando também o início de um período

onde cresce a importância das teorias das primeiras mulheres pertencentes ao círculo freudiano.

Apesar da pouca quantidade de trabalhos que comentam as proposições teóricas de Spielrein, suas obras completas estão sendo publicadas no Brasil por Renata Cromberg. Como fruto deste processo, espera-se que o “efeito fofoca” de sua história possa ser substituído por um reconhecimento de seu pensamento a respeito de diversos temas como a linguagem, a clínica infantil e a pulsão de morte.

Nesse sentido, entende-se que reconhecer a importância de Sabina não é somente estudar sua história, apesar de sua trajetória ser importante por remeter ao início do próprio movimento psicanalítico. O devir de Spielrein está além, e surge na possibilidade de se escutar aquilo que ela, como uma mulher pioneira e pertencente ao primeiro círculo de discípulos freudianos, tem a acrescentar para a psicanálise.

É preciso estudá-la como segunda mulher a integrar o campo psicanalítico, entendendo seu trabalho de modo que se possa abrir espaço para que cada vez menos as mulheres façam parte da construção da psicanálise somente como pacientes ou “casos”. E para tal, é possível começar reconhecendo Sabina Spielrein como uma de suas primeiras e mais pioneiras teóricas, alguém que ajudou a abrir espaço não somente para autoras mais conhecidas que a sucederam, como Melanie Klein e Anna Freud, mas também para todas nós que exercemos ou pretendemos exercer a psicanálise até os dias atuais.

CAPITULO 2. MEU NOME ERA SABINA SPIELREIN, EU FUI TAMBÉM PSICANALISTA

3.1. A autoria de Sabina Spielrein

Recuperada a trajetória biográfica de Sabina Spielrein, resta por fim que se possa estudar suas obras, com enfoque em sua teorização sobre a pulsão de morte. Dissertar sobre a emergência deste conceito no presente trabalho é também uma via que permite um estudo da autoria de Spielrein e uma escuta daquilo que ela tinha a propor como psicanalista.

Mais do que entender as origens e os desdobramentos da pulsão de morte para a própria psicanálise, o aprofundamento teórico neste conceito e nos artigos de Spielrein, propicia sua retirada do lugar de uma figura que impressiona somente por remeter à loucura feminina do início do século XX ou por ter sido paciente e amante de Jung. Trata-se de tomar parte do processo que busca consolidá-la como uma das primeiras mulheres da história do movimento psicanalítico, cujo trabalho importa, ou deveria importar, tanto quanto sua biografia e mais do que a fascinação gerada por esta, a qual ao contrário de seus artigos rendeu inúmeras publicações escritas e cinematografadas.

Concebendo que a construção conceitual de um autor não se encerra em um texto, mas se constrói como um percurso cujos temas se articulam, o estudo do trabalho de Spielrein, que culmina em sua teorização a respeito da pulsão de morte, partirá de sua primeira publicação psicanalítica. Para tanto, serão abordados como via de análise os textos e temas que pautaram o trajeto desta formulação e que resultaram na publicação de *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912).

Por fim, deve-se enfatizar que por razão do soterramento histórico da obra de Sabina há uma grande ausência de trabalhos a respeito de sua autoria na literatura psicanalítica, principalmente em português. Em função disso, será priorizado para esta discussão o extenso e contemporâneo trabalho realizado por Renata Cromberg, considerando-a a principal comentadora de Spielrein. Além deste, serão utilizados também um número reduzido de textos e comentários de outros autores, enfatizando que grande parte dos mesmos datam da época da publicação dos textos comentados.

3.2. A questão da psicose em psicanálise

Se a psicanálise se criou da escuta e tratamento das neuroses, com ênfase na histeria, sua inserção no campo da psicose teve um mais lento proceder. O início da teorização a este respeito, no fim da primeira década do século XX, gerou questões e debates entre Freud e seus discípulos e consolidou um momento histórico importante para o movimento psicanalítico, principalmente quando neste se pretende contextualizar a inserção das obras de Spielrein.

Cromberg (2014) aponta a publicação da terceira edição do *Jahrbuch*, no ano de 1911, como marco fundamental para este entendimento. Organizado por Freud e Bleuler e redigido por Jung, é neste volume que são publicadas quatro obras relevantes para o objetivo da presente discussão. São estes os ensaios: *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911) e *O Caso Schreber* (1911) de Freud; a primeira parte de *Símbolos da transformação* (1911) de Jung e *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911) de Spielrein.

Em conjunto de outros artigos de autores importantes como Biswanger, Ferenczi, Pfister e Rank

o que estava se materializando, nessa reunião de ensaios do *Jahrbuch*, abordando agora as chamadas psicoses, esquizofrenias e paranoia, era a consolidação da progressiva implementação da psicanálise no coração da psiquiatria. [e] [...] o que estava em jogo era saber se e de que forma a psicanálise poderia contribuir na compreensão das psicoses (CROMBERG, 2014, pp. 111 – 113).

Entre os psicanalistas que decidiram realizar esta discussão encontra-se, conforme mencionado no capítulo anterior, a jovem e recém formada Sabina Spielrein com a publicação do ensaio *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911), apresentado como sua tese de conclusão do curso de medicina. Referindo-se logo na abertura do texto às pesquisas freudianas e aos trabalhos da Escola de Zurique, a autora se propõe a “estudar um caso de *demência paranoide*, inicialmente sem considerar as opiniões médicas já existentes, movida apenas pela intenção de obter uma visão mais profunda dos processos psíquicos dessa doente” (SPIELREIN, 1911, p. 129).

Do mesmo modo que Jung fez na primeira parte de *Símbolos da transformação* (1911), o texto de Spielrein apresenta “detalhadamente a análise do

discurso esquizofrênico em toda sua fragmentação e neologismos para tentar trazer seu sentido e significação simbólica a partir das ideias da psicanálise” (CROMBERG, 2014, p. 112). Transcrevendo o material de análise de maneira bastante completa, Spielrein (1911) enfatiza que foram as informações fornecidas de modo direto e espontâneo pela paciente que lhe deram certeza para a interpretação. Além disso, a autora declara que buscou evitar a sugestão, examinando a anamnese e o histórico médico apenas ao fim de seu trabalho, com o intuito de verificar em que medida o que havia descoberto estava de acordo e podia explicar estes dados.

Procedendo de modo a que sua paciente “relate tudo que lhe ocorre, sem crítica ou seleção” (FREUD, 1912, p. 150), o que Spielrein se propõem a fazer é evidenciar a importância do discurso e a sensibilidade às suas palavras como procedimentos fundamentais, utilizando os dados médicos como fatos auxiliares (CROMBERG, 2014). Procedendo desta forma, foi possível para a autora permitir que, dentro das possibilidades da época, sua paciente tivesse uma escuta psicanalítica de seus sintomas, descritos como uma afetividade inadequada, uma linguagem confusa e permeada por neologismos e a presença de alucinações e delírios.

Analisando o modo de proceder de Spielrein (1912), é possível entender que ela buscava priorizar a psicanálise em detrimento da psiquiatria, de modo a colaborar com os estudos que buscavam estender a primeira para além do campo das neuroses. Escrevendo no momento do início das divergências entre Freud e Jung que apesar de terem transcorrido em torno principalmente do conceito de libido também abordaram o papel do conteúdo mitológico, ela também aborda esta temática. Desse modo, apresenta ao longo dos nove capítulos de seu texto um método que Carotenuto (1984) considera de marca claramente junguiana e que objetiva demonstrar o paralelismo entre os mecanismos do pensamento de sua paciente e aqueles que estão na base das formulações mitológicas.

Analisando as influências do pensamento de Freud e Jung na produção de Spielrein, Cromberg (2008, 2014) avalia que a autora antes, durante e depois da ruptura entre o pai e o príncipe herdeiro da psicanálise adotou a postura de tentar afirmar as convergências entre seus pensamentos mais do que as divergências. Considerando que suas próprias ideias surgem deste debate, que cria o que por ela foi chamado de nova psiquiatria, Spielrein busca articular e costurar as concepções

de ambos os autores, ressaltando a base freudiana e agregando as novidades junguianas, de modo a criar uma contribuição própria para a psicanálise, que preserva ambas as concepções como distintas, mas não incompatíveis.

3.3. A esquizofrenia como paradigma

Considerando que quando Spielrein escreve *A destruição como origem do devir* (1912), o “paradigma clínico de suas invenções é, além da neurose, sobretudo a esquizofrenia” (CROMBERG, 2008, p. 325), compreender como a autora entende estes quadros é fundamental para um aprofundamento em sua obra. Esta teorização é realizada nas considerações finais de seu texto de 1911, onde Spielrein (1911, p. 212) afirma que

Freud e Jung nos demonstraram que os sistemas de demência dos doentes não são nem um pouco sem sentido, mas seguem as mesmas leis, por exemplo, de um sonho, o qual se revela constantemente como elaboração de complexos [Komplexbearbeitung] (SPIELREIN, 1911, p. 212).

E continua

A reflexão consciente consideraria diversas possibilidades do mundo real, as quais poderiam ajuda-la [mencionando sua paciente] a se livrar da situação desagradável [...] Como Jung demonstrou, a esquizofrenia faz justamente o contrário: como no sonho, ela substitui o mundo externo real por um mundo interno com valor de realidade (SPIELREIN, 1911, pp. 214 – 215).

Buscando traçar paralelos entre os sonhos, a psicose e a mitologia e apontando para a concepção de Freud, Riklin, Rank e Abraham sobre as semelhanças entre os mecanismos presentes no sonho e no pensamento mitológico, Spielrein (1911, p. 213) afirma “poder acrescentar dados relevantes ao conceito Freud-Junguiano com uma visão filogenética”, teorizando a respeito da relação entre os sintomas esquizofrênicos e a temporalidade do inconsciente.

No entanto, para vias deste trabalho, o que é importante ressaltar do texto de *Sobre o conteúdo psicológico de uma caso de esquizofrenia* (SPIELREIN, 1911) é o fato de que as questões a respeito da morte e da destruição começavam a aparecer na clínica de Spielrein já neste momento, sendo tematizadas e abordadas em alguns atendimentos, cujas passagens serão elucidadas a seguir:

O ato da vida surge e é representado pelo símbolo da morte, ou seja, as gravidezes que terminaram com abortos [no caso em questão] são compensadas por um ressurgimento fantástico (simbolismo negativo) da gravidez. [...] [De modo que] como sempre, aqui a morte também significa um “ressucitamento” (SPIELREIN, 1911, pp. 176 – 178).

Por meio da “*arte vêmica*” (onanismo) [referência ao discurso da paciente] a paciente ficou doente, ela se transformou em uma “*pedra morta*” [...], mas justamente dos mortos surge a nova vida. A arte vêmica, ao matar, leva a nova vida” (SPIELREIN, 1911, p. 181).

Pergunta [Spielrein]: “*E o que acontece no caso da morte?*”

Resposta [Paciente]: *A morte só é redenção se ela for fisicamente dissolvida. Eu fui anestesiada e, ao acordar, tive a sensação de ser um animal; é a ciência do professor Hackel, a pesquisa da teoria darwiniana.*

A morte aqui também é associada a representações sexuais. As ideias de transformação (presentes na mitologia de todos os povos) (SPIELREIN, 1911, p. 207).

Interpretando estes fragmentos do discurso de sua paciente com base no conceito freudiano de representação pelo oposto, Spielrein (1911, p. 212) afirma que “com uma doente tão dissociada [...] uma análise profunda é simplesmente impossível com os nossos recursos atuais”, sinalizando a insuficiência da teoria psicanalítica daquele momento para a compreensão de seu caso e do campo das psicoses. Nesta passagem, a autora ressalta as dificuldades de atender sua paciente, as quais serão base para as transformações teóricas que ela proporá para a psicanálise em *A destruição como origem do devir* (1912) (CROMBERG, 2014).

Impulsionada pelas questões suscitadas por seu atendimento, quando Spielrein publica seu texto de 1911, ela já começava a tematizar sobre a pulsão de morte e sua relação a esquizofrenia, conforme consta registrado em seu diário em 19 de Outubro de 1910.

Em segredo, esboça-se dentro de mim o trabalho sobre “o instinto³ de morte”, que, nos primeiros momentos de desespero queria

³ Considerando as diferenciações entre as definições de instinto (*Instinkt*) e pulsão (*Trieb*) que serão discutidas no capítulo 3 deste trabalho, deve-se enfatizar que Spielrein, diferentemente de Freud, usa o termo *Instinkt* quando refere-se a substantivos compostos como instinto de morte (*Todesinstinkt*) e instinto sexual (*Sexualinstinkt*), o termo *Trieb* quando se refere a pulsão de autoconservação (*Selbsterhaltungstrieb*), a pulsão de conservação da espécie (*Arterhaltungstrieb*) e a pulsão de procriação (*Fortpflanzungstrieb*) e o termo *Drang* quando se refere ao impulso de destruição (*Destruktionsdrang*) (CAROPRESO, 2016).

abandonar e, depois...a ideia de quanto é justificado o processo de destruição que está na base da *dementia praecox*. Então: paciência! (SPIELREIN, 1910, p. 216).

Em Setembro e Novembro do mesmo ano, Spielrein (1910) também declara estar discutindo a temática com Jung, apontando para a escrita de um trabalho a este respeito, o que, em suas palavras, vinha sendo bastante incentivado por ele, a despeito de sua iniciativa de escrever um texto abordando o mesmo conceito.

Enquanto a autora redige seu trabalho sobre a esquizofrenia, já inicia a construção do conceito de pulsão de morte, de maneira que o final de seu texto deve ser ressaltado como a entrada spielreiniana nesta conceituação. Antecedendo somente os agradecimentos, dedicados a Jung e Bleuler, Spielrein (1911, p. 216) aponta para uma abordagem futura dessa temática ao enfatizar que

gostaria de ressaltar a enorme importância da “*representação pelo oposto*”, descoberta por Freud para o surgimento das imagens da demência. Um caso especialmente importante é a representação do ato sexual pela simbólica da morte. A origem dessa representação está, a meu ver, na essência do próprio ato sexual, ou mais exatamente, nos dois componentes antagonistas da sexualidade (SPIELREIN, 1911, p. 216).

3.4. A introdução do conceito de pulsão de morte em Spielrein

Sabina Spielrein se encontrava no grupo de discípulos de Freud que ao longo de toda a segunda década do século XX buscaram alternativas conceituais para o primeiro dualismo pulsional e para as questões suscitadas pelo campo da psicose, formulando, de maneiras diferentes entre si, “a existência de uma pulsão independente da pulsão sexual, uma pulsão que visaria a destruição ou a morte” (CROMBERG, 2014, p. 348). Considerando que Spielrein não foi a única autora a propor formulações que de alguma forma dialogassem com o que viria a ser formulado por Freud somente em *Além do princípio do prazer* (1920), mas que seu artigo possui um caráter pioneiro e inovador, cabe agora comentar a obra *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912), texto onde ela introduz o conceito de pulsão de morte em sua obra.

Escrito, segundo consta no diário da autora, entre os anos de 1909 e 1912, apresentado de maneira parcial à Sociedade Psicanalítica de Viena em 29 de novembro de 1911 e publicado no volume IV do *Jahrbuch* em 1912, juntamente com

a segunda parte de *Símbolos das Transformação* (1912) de Jung, *A destruição como origem do devir* (1912) consta de 49 páginas, ao longo das quais Spielrein (1912) procura responder à pergunta com a qual abre seu trabalho:

Por que essa tão poderosa pulsão, a pulsão de procriação⁴, esconde, ao lado dos sentimentos positivos que são esperados *a priori*, também outros negativos como angústia, aversão, os quais na verdade precisam ser superados para que possamos chegar ao ato positivo? (SPIELREIN, 1912, p. 229).

Indicando que as pesquisas de Stekel, Gross, Freud e Bleuler tematizam sobre a postura negativa dos indivíduos, principalmente neurótico, diante do ato sexual e constata as frequentes associações entre a morte e o desejo sexual, Spielrein (1912) pondera que estes trabalhos respondem a esta questão somente levando em conta o controle pulsional imposto aos indivíduos desde a infância pela sociedade. Propondo que esta hipótese não responde à sua pergunta e reiterando que considera importante “que um indivíduo do sexo masculino também tenha consciência do perigo não apenas social” (SPIELREIN, 1912, p. 230), a autora introduz sua discussão apresentando um trecho da segunda parte de *Símbolos da transformação* (1912) de Jung, no qual o autor afirma que

o anseio passional, ou seja, a libido tem dois lados: ele é a força que embeleza tudo e, em certas circunstâncias destrói tudo. Frequentemente, as pessoas dão a impressão de que não podem compreender bem em que poderia consistir a característica destruidora da força criadora [...] Quem se esquivava da ousadia de viver precisa sufocar dentro de si o desejo de viver, realizar uma espécie de suicídio. A partir daí explicam-se as fantasias de morte que costumam acompanhar a renúncia ao desejo erótico (JUNG, 1912, apud SPIELREIN, 1912, pp. 229 – 230).

Mencionando o texto que, conforme afirmado no capítulo anterior, foi o estopim teórico da ruptura entre Freud e Jung e apontando que este é o que mais corresponde aos seus próprios resultados, Spielrein (1912) concorda com Jung para em seguida

[entrar] no seu veio, saindo da querela narcísica interna e externa de maneira elegante. Marca sua diferença, para então iniciar a circunscrição do campo de sua própria construção explicativa do problema levantado por ela. Se ambos coincidem, diferentemente de outros pesquisadores, no perigo desconhecido que reside a atividade

⁴ De acordo com Cromberg (2014, p. 281) pulsão de procriação é “um dos nomes que ela [Spielrein] dá à pulsão sexual, sendo que também a considera sinônimo da pulsão de conservação da espécie”.

erótica, ela discorda de que as representações sexuais e as representações de morte sejam antitéticas, irreduzíveis uma a outra (CROMBERG, 2014, p. 292).

A autora então prossegue afirmando que a angustia presente no ato sexual trata-se de um evento normal, que surge de maneira muito específica, pois “a pessoa sente o inimigo em si mesma, [...] sente o fim, o transitório do qual quer fugir em vão para distâncias desconhecidas” (SPIELREIN, 1912, p. 230). Concordando com Jung e distanciando-se dos outros autores, ela liga morte e sexualidade, associando os sentimentos negativos à segunda. Para ela, a repugnância e a angústia são intrínsecas à própria pulsão sexual, que é a sua fonte, na medida que o gozo sexual traz em si o contato com a evanescência e a finitude, do qual o eu quer se proteger e não consegue, angustiando-se (CROMBERG, 2014).

A partir de então, ela irá reafirmar a questão que guia os capítulos procedentes de seu trabalho: “Isso é tudo? Isso é o ápice e nada mais além disso? O que acontece com o indivíduo durante o ato sexual que justifique esse estado de espírito?” (SPIELREIN, 1912, p. 231). É esta pergunta que guiará suas proposições.

3.5. Uma formulação sobre a destruição e a transformação

Spielrein (1912) inicia sua teorização com a apresentação de alguns fatos biológicos que ilustram o processo de vida e morte na natureza, enfatizando que “o psiquismo não pode ficar livre daquilo que acontece com o organismo biológico” (CROMBERG, 2014, p. 293). A autora pondera que os seres vivos unicelulares dão a vida para que se produza uma nova geração, sendo para estes a criação um sinônimo para a ruína. O mesmo ocorre em indivíduos de organização mais elevada, que apesar de não serem aniquilados por inteiro na procriação, sofrem a unificação de seus gametas, criando uma vida nova a partir da aniquilação de ambos como unidade que os representa por inteiro.

Tecendo estas considerações, ela afirma que nestes casos “a transformação afeta todo o organismo; destruição e reconstrução, as quais sempre ocorrem mesmo em circunstâncias normais, ocorrem bruscamente” (SPIELREIN, 1912, p. 232) e prossegue concluindo que

assim como os próprios afetos de bem-estar associados ao devir⁵ estão presentes na pulsão de procriação, os afetos de defesa, como angustia e aversão, tampouco são as consequências de uma ligação errônea com as excreções espacialmente coexistentes, nem são o negativo, que significa a renúncia a atividade sexual, mas são afetos que correspondem aos componentes destrutivos do instinto sexual (SPIELREIN, 1912, p. 232).

A partir da análise deste capítulo de *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912), Cromberg (2014) pondera que ao se utilizar da biologia, Spielrein procura afirmar que há uma intenção criativa na destruição, que o ciclo de vida-reprodução-morte tem repercussões psíquicas na medida que para se criar o novo deve-se destruir o antigo, o que gera conflito e que no ato sexual precipitam-se os processos de destruição e reconstrução que se realizam sem cessar, mas que não ficam em evidência. Estas considerações, são o que a leva à afirmação do final do capítulo, que considera que

a pulsão sexual ou de procriação destrói o sentir-se único, o indivíduo, vivo e estático no seu viver para sempre, que se mostra, aos poucos, no ensaio, como uma construção necessária mas ilusória. A pulsão sexual traz a transformação corporal, descarga sexual, saída de si mesmo e isso não fica intacto para o psiquismo. Produz conflito, que produz efeitos desprazerosos pelo seus componentes destrutivos. Aqui é formulada uma hipótese completa sobre o papel traumático da pulsão em relação ao psiquismo (CROMBERG, 2014, pp. 295 – 296).

Após demonstrar, a partir do referencial biológico, que na natureza os processos de destruição possuem uma intenção criativa que leva à reconstrução, Spielrein (1912) prossegue seu texto apresentando algumas considerações psicológico-individuais que reafirmam estes apontamentos. Partindo da recapitulação do que havia escrito sobre a temporalidade do inconsciente no texto *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911), e retomando a concepção freudiana apresentada em *A interpretação dos sonhos* (1900) de que o inconsciente é atemporal, a autora escreve que

a afirmação de que, psicicamente, nós não vivemos nada no presente parece bastante paradoxal, mas está correta. Um evento é para nós apenas carregado de afeto na medida em que puder estimular conteúdos (vivências) carregados de afetos experimentados anteriormente, os quais se encontram guardados no inconsciente (SPIELREIN, 1912, p. 232).

⁵ O sentido do termo devir na obra de Spielrein (1912) é explicado ao final deste item.

Se no inconsciente não há temporalidade ou discriminação entre os opostos, este caracteriza-se, na visão de Spielrein (1912, p. 235), por ser um local de origem, fusão e indiferenciação. Pressupondo a existência de uma tendência de retorno ao indiferenciado, a autora afirma que no aparelho psíquico “cada partícula do nosso ser deseja voltar a se transformar em sua fonte original, a partir da qual então o novo devir volta a emergir”. Em Spielrein (1912) a tendência de retorno ao originário, que de acordo com Cromberg (2014, p. 299) “parece fazer ressonância com o conceito freudiano de compulsão à repetição”, produz diferenciação e, em função disso, tem uma função criativa que para ser entendida torna necessário que se explicita o que a autora compreende por devir.

Originado do termo em alemão *Werdens*, que pode ser entendido como criação, nascimento ou devir, optou-se pelo último na tradução das obras da autora considerando o fato de que este termo possui um sentido amplo, que contém também a ideia de futuro (CROMBERG, 2014). Dessa forma, o conceito de devir, deve ser entendido, segundo Lalande (1999, p. 253) como

A. (em oposição ao *ser* enquanto imutável): a série de mudanças. B. (em oposição aos estados estáticos que servem de pontos de referência do devir no sentido A): a mudança considerada enquanto mudança, quer dizer, enquanto passagem de um estado ao outro.
 A. (em oposição ao *ser* enquanto imutável): a série de mudanças. B. (em oposição aos estados estáticos que servem de pontos de referência do devir no sentido A): a mudança considerada enquanto mudança, quer dizer, enquanto passagem de um estado ao outro.

3.7. O dualismo pulsional de acordo com Spielrein

Retomando a concepção freudiana de que o cerne do prazer sexual dos adultos está nas fontes de prazer infantis, e concordando com as afirmações do autor de que a obtenção do prazer e a supressão do desprazer estão na base de todas as produções psíquicas, Spielrein (1912) “começa a [sua] decidida contribuição singular” (CROMBERG, 2014, p. 302) ao perguntar se toda a vida psíquica reside no Eu,

afinal, não existem forças pulsionais em nós que colocam nosso conteúdo psíquico em movimento sem se preocupar com o bem estar e o sofrimento do Eu? Será que as pulsões básicas e conhecidas, a pulsão de autoconservação e de conservação da espécie, também significam para toda a vida psíquica aquilo que

significam para a vida do Eu, ou seja, a fonte do prazer e do desprazer? (SPIELREIN, 1912, pp. 236 – 237).

Questionando se o indivíduo não possui impulsos poderosos que colocam em movimento os conteúdos psíquicos de modo independente do princípio do prazer, sem considerar a miséria do Eu e se as pulsões de autoconservação e de conservação da espécie são absolutamente a origem do prazer e do desprazer, tanto para a vida psíquica quanto para a do Eu (CAROPRESO, 2016; CROMBERG, 2014), Spielrein (1912, p. 237, grifo nosso) defende que

a psique do Eu, inclusive a inconsciente, é guiada por moções que se encontram ainda mais profundas e não se ocupam nem um pouco com nossas reações emocionais às demandas impostas por elas. O prazer é simplesmente a reação afirmativa do Eu a essas demandas originárias do âmago e **nós podemos ter prazer diretamente a partir do desprazer e prazer pela dor**, a qual, tomada em si mesma, é fortemente carregada de desprazer, pois a dor corresponde a um prejuízo do indivíduo, contra o qual nosso instinto de autoconservação se opõe. Portanto, **em nosso âmago há algo que, por mais paradoxal que isso possa soar a priori, busca esse autoprejuízo, uma vez que o Eu reage a ele com prazer. O desejo de autoprejuízo, o regozijo pela dor, é, no entanto, completamente incompreensível se considerarmos apenas a vida do Eu, a qual só quer ter prazer.**

Considerando a possibilidade do aparelho psíquico não se guiar somente pela busca por prazer, o qual remete ao Eu, e deste ter prazer pelo desprazer, pelo autoprejuízo e pela dor, Spielrein formula, de acordo com a leitura de Cromberg (2014), a ideia do sofrimento masoquista. Por meio da ideia de um Eu que obtém prazer no sofrimento e no dano a si mesmo, a autora irá se aproximar do que após a virada de 1920 Freud denominará por masoquismo originário, a despeito do autor ter formulado este conceito em uma tripla direção, conforme será observado no capítulo 3 do presente trabalho.

Além disso, a autora acrescenta uma passagem fundamental no que diz respeito às discussões a respeito da feminilidade em psicanálise, em sua relação com o sadismo e o masoquismo. Afirmando que

segundo o componente destrutivo presente no instinto sexual, o homem que tende a ser mais ativo também tem mais desejos sádicos: ele quer destruir a amada. A mulher, que tende a se representar mais como objeto de amor, quer ser destruída. Naturalmente, esse limiar não pode ser denominado com precisão, pois todo ser humano é bissexual, além do que, na mulher também

há representações de sujeito, e no homem, representações de objeto. Por isso, a mulher também é sádica e o homem também é masoquista. Se as representações de objeto se tornam mais intensas quando o sujeito se coloca no lugar do indivíduo amado, então o amor voltado a si mesmo leva a autodestruição, como por exemplo, ao autoflagelo, ao martírio, sim, à aniquilação total da própria sexualidade, como na castração. Essas são apenas diferentes formas e graus de autodestruição (SPIELREIN, 1912, pp. 253 – 254).

Além da importância para a obra spielreiniana, este trecho deve ser referendado por remeter a importância do pensamento de teóricas mulheres no início da psicanálise. Ao formular a existência do sadismo e do masoquismo, e portanto da atividade e da passividade, tanto no homem quanto na mulher, Spielrein (1912) apresenta concepções que, de acordo com Chauí (2008, apud CROMBERG, 2014) são de certa forma insuportáveis e inaceitáveis do ponto de vista masculino da psicanálise nascente, cujas propostas muitas vezes reverberavam os estereótipos de gênero da sociedade da época. Desse modo, a autora analisa que Spielrein (1912) tem uma “operação de gênio” ao utilizar-se da própria psicanálise para demolir a misoginia presente no movimento psicanalítico, expressa nas discussões sobre a entrada ou não de mulheres na Sociedade Psicanalítica de Viena, assim como na teorização tardia das questões específicas da sexualidade feminina.

3.7. Uma visão do aparelho psíquico

Após as formulações sobre o masoquismo, Spielrein (1912) passa a apresentar uma concepção do aparelho psíquico própria, cujas leituras posteriores de sua obra reverberam o seu papel no âmago das divergências entre Freud e Jung. Se por um lado, alguns autores mais próximo da psicologia analítica como Skea (2006) e Van Waning (1992) (apud CAROPRESO, 2016) afirmam que com esta divisão Spielrein antecipa o que posteriormente Jung conceberá como o inconsciente coletivo, afirmam que com esta divisão Spielrein antecipa o que posteriormente Jung conceberá como o inconsciente coletivo, os autores mais próximos da psicanálise como Cromberg (2016) consideram que esta conceituação faz consonância com as primeiras formulações de Freud a respeito das relações entre o Eu e o Id. Considerando estas divergências, abordarei a teoria de Spielrein dando ênfase para as perspectivas psicanalíticas, de modo que torne possível o

entendimento de suas proposições sobre a pulsão de morte. As relações da autora com a teoria junguiana serão também tematizadas de forma breve, ao final deste capítulo.

Retomando o paradigma da esquizofrenia (*Dementia-praecox*) como base da compreensão de que “a principal característica do indivíduo consiste no fato de ele ser um ser dividido” (SPIELREIN, 1912, p. 237) Spielrein entende que o aparelho psíquico se divide entre o “Eu” (psique do Eu) e o “Nós (psique da espécie). Afirmando que as representações se encontraram em estado indiferenciado no inconsciente e só se diferenciam conforme aparecem ao pensamento consciente, a autora teoriza que a psique da espécie apenas conhece o “Nós” como somatória das representações do Eu, tomando a psique do Eu como objeto subordinado e observável (CAROPRESO, 2016).

Amparando-se no caso de sua paciente discutido em *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911), a autora então apresenta uma teoria para a compreensão da psicose (*Dementia-praecox*), refutando hipótese freudiana, que postulava a existência de um conflito entre a retratação e o investimento da libido. Para ela,

[na *Dementia-praecox* há] um conflito entre os dois fluxos antagônicos da psique da espécie e da psique do Eu. A psique da espécie quer transformar toda representação do Eu em uma representação impessoal, a psique do Eu defende-se dessa diluição na medida em que os doentes transferem temerosamente a qualidade do afeto do complexo desvanecente para qualquer associação adjacente, fixando nesta o “Eu” (afeto inadequado). [...] [Nesses casos,] os pensamentos são despersonalizados, eles são “feitos” para o doente, pois vem justamente do âmago alheio ao Eu, de âmagos que já fizeram do Eu um “nós” ou mesmo um “eles” [...] [e] os doentes não consideram mais nada pessoa; mesmo quando dizem “eu”, eles são objetos que não significam Eu e tampouco obedecem a vontade do Eu. (SPIELREIN, 1912, pp. 240 – 241).

Conforme afirmado em seu texto de 1911, Spielrein aproxima os mecanismos presentes nos sonhos e na esquizofrenia, colocando em pauta a ação da cisão nesses casos e afirmando que o conflito no sintoma esquizofrênico situa-se entre duas correntes “a psique do Eu, regida pela pulsão de autoconservação e a psique da espécie, regida pela pulsão da conservação da espécie” (CROMBERG, 2014, p. 317). Transitando entre o sonho, a esquizofrenia, a vida amorosa e a obra de arte, o

que a autora pretende mostrar é que, no aparelho psíquico, atuam estas duas forças, cuja interação é originária do conflito.

3.7. A hipótese da pulsão de morte

Afirmando que a origem das sensações de prazer está nas experiências infantis as quais o adulto deseja reviver, Spielrein (1912, p. 242) pergunta:

Por que as experiências infantis são para nós tão carregadas de prazer? Por que experimentamos “alegria ao reconhecer o conhecido”? Por que a severa censura que procura modificar nossas experiências continua existindo ainda por muito tempo, mesmo quando não sentimos mais o poder dos pais sobre nós. Por que não experimentamos tendencialmente sempre a mesma coisa e reproduzimos a mesma coisa?

Concebendo a existência de um Eu que além de visar a inércia de seus primórdios infantis também se destrói e se deixa destruir para renascer modificado, Spielrein (1912) afirma que a destruição é a origem do devir, na medida que há no Eu uma possibilidade de se recriar e de renovar suas representações de modo a significar o que foi absorvido pela psique da espécie. Para a autora coexistem no aparelho psíquico duas tendências, uma que deseja a transformação e outra que deseja perseverar, as quais, partindo de referências de Nietzsche, Shakespeare, de sua paciente, de uma criança tratada por Jung e do sonho de sua colega, ela trabalha em seu artigo (CROMBERG, 2014).

A partir da análise deste material, o que Spielrein (1912) virá a concluir é que a morte significa um renascimento, e, portanto, que para que possa surgir o novo, faz-se necessário que ocorra a destruição. Se, de acordo com a autora, no aparelho psíquico existe uma tendência à transformação, a qual só é possível pela via da morte e da destruição, ela aponta para a existência da pulsão de morte, definindo-a como a força que move estes processos.

Mantendo o primeiro dualismo das pulsões de Freud, o que Spielrein propõe é a inserção, no âmago destas duas pulsões, o que é por ela denominado como instinto de morte (CAROPRESO, 2016). Desse modo, para ela,

a pulsão de conservação da espécie [pulsão sexual] precisa dissolver o antigo para que o novo surja, é composta de um componente positivo e um negativo [...], é, por essência ambivalente;

[...] [e] é uma pulsão “dinâmica” que anseia pela alteração, pela “ressurreição” do indivíduo em uma nova forma. Nenhuma alteração pode acontecer sem o aniquilamento do estado antigo. (SPIELREIN, 1912, p. 261).

Em contrapartida, “a pulsão de autoconservação é uma pulsão simples, composta apenas de um lado positivo [...] [e] “estática” na medida que deve proteger o indivíduo que já existe contra influências externas” (SPIELREIN, 1912, p. 261). Como não há devir sem destruição, a preservação da espécie expressa-se pela tendência à assimilação e à dissolução, das quais depende a criação do novo. Já a pulsão de autoconservação, na medida que objetiva a manutenção da inércia do Eu, não dá origem a nada, expressando-se por uma tendência à diferenciação (CAROPRESO, 2016).

Ao discutir estas duas pulsões, Spielrein (1912, p. 236) afirma também que “a relação [...] da pulsão de autoconservação, com a pulsão de conservação da espécie (ou seja, também com o instinto sexual) é sem dúvida muito íntima”. Mesmo tendo mantido o dualismo pulsional e a distinção entre a pulsão de autoconservação e a pulsão sexual, Cromberg (2014) aponta que este trecho foi considerado monista por alguns críticos de sua época, mas os contrapõe argumentando que esta aproximação é interessante, dado que o próprio Freud chegaria nela em 1920, ao unificar as pulsões sexual e de autoconservação, caracterizando a pulsão de vida.

O final da parte II de *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912) é

O único ponto do texto em que ela usa a expressão “pulsão de morte” [...]. Até aqui, ela falou do componente destrutivo da pulsão sexual ou de procriação, de representações destrutivas, de representações de morte, de compulsão à repetição do desprazeroso, do masoquismo de fundo ou originário” (CROMBERG, 2014, p. 329).

Discorrendo sobre a existência de uma fusão entre destrutividade e amor, Spielrein (1912, pp. 259 – 260, grifo nosso) conclui que

Essa teoria é muito adequada para explicar porque **não enxergamos o instinto de morte no instinto sexual**. Sob circunstâncias normais, as representações do devir devem predominar um pouco, mesmo porque **o devir é resultado da destruição, é determinado pela destruição**. No entanto, é muito mais fácil pensar nos resultados finais do que sempre buscar a causa. Mas não é preciso muito para que as representações de destruição predominem, principalmente em crianças ou pessoas emotivas. Na neurose, o componente da destruição predomina e se

expressa em todos os sintomas de resistência à vida e ao destino natural.

Respondendo à questão do início de seu texto, a autora propõe que os sentimentos negativos, como angústia e aversão, que na neurose aparecem juntamente com a pulsão sexual, se devem à vitória do componente destrutivo presente nesta. Se, de acordo com Spielrein (1912, p. 272) “na própria vida está a fonte da morte, assim como na morte está a vida”, de modo que a destrutividade e a morte são inerentes à sexualidade, os sintomas neuróticos apontados no início de seu texto surgem em função de uma paralisação da vida e da sexualidade que objetiva evitar a morte, mas que não consegue na medida que esta se instala no centro da própria sintomatologia da neurose (CROMBERG, 2014).

Findadas as suas novas teorizações, Spielrein (1912) apresenta um último capítulo denominado “vida e morte na mitologia”, no qual ela tece amplas referências a Nietzsche e Wagner. No entanto, o principal amparo para esta parte de sua obra, é *A Interpretação dos sonhos* (1900) de Freud, na medida que, de acordo com Cromberg (2014, p. 331), este trecho final da obra da autora trata-se de “um trabalho de justificação psicanalítica”, sugerido por Freud quase como exigência para que o artigo fosse publicado. Em suma, a autora elabora a relação entre a destruição e a questão do simbólico, a qual é bastante importante, mas não será comentada no presente trabalho na medida que não traz conceituações que acrescem ao que já foi discutido sobre a pulsão de morte.

3.8. Pulsão de morte, uma teoria da transformação?

No ensaio *A destruição como origem do devir* (1912), Spielrein utiliza-se dos paradigmas da neurose e da psicose (esquizofrenia), da arte, da mitologia e do amor como bases para a formulação de “uma teoria da transformação” (CROMBERG, 2014, p. 344). Considerando que da morte surge o renascimento e que há uma intenção criativa na destruição, esta torna-se o pilar fundamental da teoria da autora, na medida que destruir-se é necessário para que possa originar o devir.

De maneira a manter o primeiro dualismo das pulsões proposto por Freud, Spielrein (1912) formula que há um componente destrutivo na pulsão sexual, denominados por ela como “instinto de morte”. Dessa forma, enquanto a pulsão de autoconservação visa a manutenção da inércia do Eu e a proteção do indivíduo, a

pulsão sexual é composta por duas forças distintas, possuindo um componente destrutivo inerente, causando prazer e desprazer em sua realização e visando a aniquilação com o intuito de surgimento do novo, ou seja, do devir (NUNBERG; FEDERN, 1979).

Ocultando o “instinto de morte” na pulsão sexual, na medida que a vida é efeito da morte (CROMBERG, 2014), a autora estreita as relações entre sexualidade e destrutividade, sinalizando a existência de uma tendência do aparelho psíquico que vai além do princípio do prazer. Observando que há um “funcionamento psíquico que antecede aquele regido pelo princípio do prazer” (CAROPRESO, 2016, p. 414), ela indica que ao se estender os estudos psicanalíticos para além da vida do Eu, pode-se entender a existência de obtenção de prazer pelo desprazer, pela dor ou pelo auto prejuízo, de modo que na concepção da autora

Amparando-se no sadismo e no masoquismo como demonstrativos desses fenômenos, e formulando uma teoria que aproxima-se muito, segundo Freud (1920) da sua proposta sobre o masoquismo originário. Sinalizando a existência de uma tendência no aparelho psíquico que gera desprazer e busca destruição, Spielrein (1912) formula uma concepção própria sobre a pulsão de morte que antecipa e ao mesmo tempo se difere do que posteriormente seria proposto por Freud, na medida que para ela este

não visaria à aniquilação da vida, não visaria à eliminação total da estimulação, como proposto por Freud em 1920, [...] [de forma que] a hipótese da indissociabilidade entre destruição e criação, faz, para Spielrein, não haver uma pulsão puramente negativa, como na teoria freudiana (CAROPRESO, 2016, p. 418).

Diferentemente das concepções freudianas, a serem discutidas no próximo capítulo, em Spielrein (1912)

A destruição é, portanto, a causa do devir; o antigo deve ser destruído para que o novo possa surgir. É por isso que não existe o conceito absoluto de morte, porque a morte para que é antigo significa a vida para o que é novo. É verdadeiro que a morte em si é aterrorizante, mas a serviço do instinto sexual ela é também benéfica (NUNBERG; FEDERN, 1979, p. 321, tradução nossa).

3.8. O ensaio de Sabina Spielrein e o movimento psicanalítico

Discutidos os ensaios de Spielrein (1911, 1912) cabe por fim abordar as repercussões de suas ideias no campo da psicanálise. Para tal, serão brevemente apresentados os debates emergentes da apresentação do texto de 1912 na Sociedade Psicanalítica de Viena, assim como as referências ao seu ensaio encontradas na literatura.

A introdução da formulação spielreiniana de pulsão de morte se deu a partir da apresentação parcial de *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912) na Sociedade Psicanalítica de Viena em 19 de novembro de 1911. Registrada nas *Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena* (NUNBERG; FEDERN, 1979), esta conferência, intitulada *Sobre a transformação*, contou com a presença de dezoito homens e uma mulher e foi seguida por um debate envolvendo os presentes. Neste documento, chama a atenção a nota de rodapé da primeira página, onde Spielrein é apresentada como oradora: “A Dra. Spielrein foi minha colega na faculdade de medicina. Ela foi fortemente influenciada por Jung. Durante seus estudos, ela viveu um episódio psicótico” (NUNBERG; FEDERN, 1979, p. 319, tradução nossa).

A despeito do que conta no texto de Spielrein, em sua fala ela abordou a ideia de que há um componente destrutivo no instinto sexual, indispensável para o processo de devir, examinando a presença destes processos na biologia. Na discussão, foram abordadas as relações entre nascimento e morte, o papel da mitologia e da biologia nas construções psicanalíticas e as aproximações das propostas de Spielrein e Jung.

Entre as críticas, destacam-se questionamento acerca da falta de distinções entre a vida individual e universal e entre a psicanálise e a biologia na apresentação da autora. A este respeito, Spielrein rebateu que “a omissão de um capítulo essencial de seu trabalho *A destruição como origem do devir* causou uma confusão conceitual que travou a discussão. [A pulsão sexual] ao falar de conflito, se refere ao Eu pessoal e não cósmico” (NUNBERG; FEDERN, 1979, p. 325, tradução nossa). A despeito dessas considerações, grande parte dos presentes, entre os quais Sachs, Tausk e Rosenstein, consideraram bastante interessantes as considerações apresentadas sobre as relações entre a sexualidade e a destruição, assim como entre o nascimento e a morte, debatendo a respeito da origem destas.

Freud, por sua vez, teceu um longo comentário ao trabalho de Spielrein, dissertando acerca dos pontos previamente mencionados:

A conferência dá lugar a uma crítica a Jung, porque em seus estudos recentes de mitologia ele também se utiliza do material mitológico, sem fazer qualquer seleção. O material mitológico não pode ser utilizado desta maneira, aparecendo de forma direta e não em seus derivados. Este não deve ser transmitido em uma forma que nos permite usá-los para resolver nossos problemas. Em vez disso, este primeiro deve ser submetido a uma elucidação psicanalítica (NUNBERG; FEDERN, 1979, p. 324, tradução nossa).

Considerando a maneira de proceder de Spielrein muito semelhante a de Jung, o que Freud aponta neste ponto da apresentação da autora refere-se ao papel do conteúdo mitológico na teoria psicanalítica visto que “enquanto Freud reinterpretava os mitos à luz da psicanálise, Jung via nas mitologia a expressão de um inconsciente arcaico característico de cada povo” (ROUDINESCO, 2016, p. 173). Após esta observação, ele prossegue considerando que

A questão de saber se nossas hipóteses psicológicas de que as pulsões se apresentam incompletamente dominadas talvez também no campo sexualidade – uma ideia que pode ser aceitável – deve ser resolvida no campo da psicologia individual. Em encontro com nossas premissas psicológicas, a oradora tentou fundar sua teoria das pulsões em premissas biológicas (NUNBERG; FEDERN, 1979, pp. 324 – 325, tradução nossa).

Após a conferência, Freud também escreve uma carta a Jung, na qual comenta a apresentação da autora:

Fräulein Spielrein leu um capítulo do seu ensaio ontem (quase escrevi o *ihrer* [seu(dela)], seguindo-se um esclarecedor debate. Fiz algumas objeções ao seu [*Ihrer*] (desta vez falo sério) método de lidar com a mitologia e levantei-as na discussão com a menina. Devo dizer que ela é bastante amável e que começo a compreender. O que me incomodou mais é que Fräulein Spielrein quer subordinar o material psicológico a considerações biológicas; tal dependência não é mais aceitável do que uma dependência da filosofia ou da anatomia cerebral (MCGUIRE, 1993, pp. 475 – 476, 286F).

As aproximações entre Spielrein e Jung, apontadas com certa ironia na carta de Freud e muito criticadas por seus discípulos, foram reiteradas pelas extensas citações à autora em diversos pontos da obra junguiana, o que inclui dezoito referências somente na parte II de *Símbolos da transformação* (JUNG, 1912). No entanto, o curioso desta constatação reside no fato de que nas primeiras edições de

seu ensaio, Jung menciona somente *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (SPIELREIN, 1911), omitindo as considerações da autora acerca da morte e da destruição, a despeito dele ter editado seu texto de 1912 e lhe garantido reconhecimento sobre o mesmo (SKEA, 2006).

Muito menos significativas são as referências a Spielrein na literatura psicanalítica antecedente a 1980, sendo poucos os trabalhos por ela influenciados. Entre os autores que se utilizaram ou mencionam a teoria de Spielrein (1912) para sustentar suas formulações, cabe mencionar Gross que se apoia na obra da autora, principalmente no texto *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912), para teorizar sobre os aspectos destrutivos da sexualidade (CHECCHIA, 2016) e Ferenczi (1926, p 402) que a menciona em uma nota de rodapé do texto *O problema da afirmação do desprazer*, ao mencionar casos em que “a destruição converte-se verdadeiramente na ‘causa do devir’”.

Freud, por sua vez, refere-se a Spielrein somente em dois momentos de suas obras, fazendo-o diretamente apenas em uma nota de rodapé da parte VI de *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920, p. 227), mencionando, ao considerar a existência de um masoquismo primário que “num trabalho substancial e pleno de ideias, embora não inteiramente claro para mim, Sabina Spielrein antecipou boa parte dessa especulação. Ela caracteriza o componente sádico do instinto⁶ sexual como destrutivo”. A segunda indicação as ideias da autora é indireta e está em *O mal-estar na civilização* (1930, p. 87) onde Freud pondera: “recordo minha própria atitude defensiva, quando a ideia do instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo durou até que eu me tornasse receptivo a ela”.

A este respeito, Cromberg (2008, pp. 207 – 208) reflete que

a nota de rodapé de *Mais além do princípio do prazer*, ao mesmo tempo em que reconhece a procedência de Sabina, aponta, também, para as resistências e incompreensões em torno de sua produção. A nota tem o efeito de colocar Sabina numa redoma de vidro, forrada de veludo, com um foco de luz sobre ela e, no entanto, lá ela fica congelada em sua neve russa, imortalizada, com um pedaço de maçã envenenada na garganta, sem poder falar, recebendo a visita de passantes que a olham sem de fato enxergarem, à espera de um príncipe encantado para despertá-la, o qual certamente foi Carotenuto.

⁶ Consideramos mais adequado para a leitura trocar o termo instinto por pulsão, o que será discutido no início do capítulo 3.

E agora, tendo despertado a obra de Spielrein através da discussão de alguns de seus importantes textos, passaremos para a última parte deste trabalho, discutindo a conceituação freudiana da pulsão de morte. A luz dos textos da autora, buscaremos entender o que Freud propôs.

3. O CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE NA TEORIA FREUDIANA

3.1. 1905 – 1913: A teoria das pulsões e o início do movimento psicanalítico

Partindo da concepção de que a metapsicologia freudiana se construiu como um percurso, cujos conceitos se articulam, seja para se complementar ou se substituir, neste capítulo se buscará traçar o caminho percorrido por Freud que culminou na proposição do conceito de pulsão de morte. Para tal, serão primeiramente abordados os textos produzidos entre os anos de 1905 e 1913, nos quais é introduzido o conceito de pulsão assim como o primeiro dualismo discutido pelo autor.

Tendo em vista que o presente trabalho tem como um de seus objetivos realizar uma discussão sobre a relação das proposições freudiana e spielreiniana, cabe ressaltar que o que será abordado na primeira parte do presente capítulo são as teorias de Freud que estavam em voga na época em que Spielrein escreveu *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911) e *A destruição como origem do devir* (1912). Dito isso, deve-se entender que são nos textos a seguir apresentados que a autora referência, seja para discordar ou para respaldar suas teorizações.

3.1.1. Diferenciação entre pulsão (*Trieb*) e instinto (*Instinkt*)

Pulsão (*Trieb*) e instinto (*Instinkt*) são dois conceitos fundamentais na literatura psicanalítica, que possuem significados distintos quando empregados por Freud e que conseqüentemente tem implicações diferentes em sua teoria. Para a realização de um estudo a respeito da teoria freudiana das pulsões, e em segunda instância da noção de pulsão de morte, é necessário que primeiramente se diferencie estas duas conceituações, de modo a possibilitar uma compreensão mais adequada da proposta freudiana.

Antes que se possa tratar propriamente da definição destes conceitos é necessário apontar que as obras completas de Freud publicadas em português⁷, apresentam os termos *Trieb* traduzido como instinto, o que pode gerar indistinções entre ambos os conceitos, afastando o leitor do que era teorizado pela psicanálise freudiana. O instinto (*Instinkt*), da forma empregada por Freud, pode ser compreendido como um

esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco suscetível de alterações e que parece corresponder a uma finalidade (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 241).

A partir desta definição, é notável que o conceito de instinto (*Instinkt*) remete a comportamentos herdados e característicos de espécies animais, o que, como será visto a seguir, difere radicalmente do conceito de pulsão (*Trieb*). Dito isso, faz-se necessário esclarecer que o presente trabalho considera o termo pulsão mais adequado e próximo à proposta e à definição freudiana de *Trieb*, tendo-se optado por utilizá-lo para se remeter a este conceito. No entanto, enfatiza-se que, por limitações da tradução, quando se realizarem citações literais das obras de Freud se fará necessário o emprego da palavra instinto como um equivalente de pulsão, apesar de se compreender e destacar que este não é considerado pela autora como o termo mais adequado para tal.

3.1.2. O conceito de pulsão (*Trieb*)

Definido o conceito de Instinto (*Instinkt*), pode-se iniciar um estudo sobre a pulsão, conceito cuja introdução em psicanálise, pode ter seu marco situado na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), texto que, segundo Strachey (1949), se configura como um dos pilares fundamentais da teoria psicanalítica. Dedicado primordialmente à pulsão sexual, dado que “é na descrição da sexualidade humana que se esboça a noção freudiana de pulsão” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 395), este estudo prepara a proposição do primeiro dualismo pulsional e,

⁷ Esta afirmação se refere as traduções que serão usadas no presente trabalho, sendo as mesmas a Edição Stantard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud da editora Imago e as Obras Completas de Freud da editora Companhia das Letras.

em acréscimo a obra *O instinto e seus destinos* (1915), consolida as principais características das pulsões.

Dito isso, a pulsão é definida por Freud como

um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo (FREUD, 1915, p. 57).

Partindo desta explicação, o autor apresenta no ensaio *O instinto e seus destinos* (1915) os quatro elementos definidores da pulsão, já esboçados no estudo de 1905 e fundamentais para o seu entendimento. Estes são a fonte (*Quelle*), processo somático de excitação; a pressão (*Drang*), elemento motor da pulsão, sua medida de trabalho, sua atividade e seu fator dinâmico; a meta (*Ziel*) representada pela satisfação e pela supressão da excitação e o objeto (*Objekt*), mutável e variável e caracterizado por ser aquilo com o que a pulsão pode se satisfazer.

Em suma, pode-se entender o conceito de pulsão como o

processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é sumprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 394).

A pulsão é mutável, não possui objeto específico e não cessa quando satisfeita, de modo que difere radicalmente do instinto, que opera em um nível hereditário e inato. Tendo em vista estas definições, concebe-se que os comportamentos humanos operam na lógica do registro pulsional e nada possuem de instintivo, entendimento fundamental para a compreensão da metapsicologia freudiana, de sua concepção de homem e da teorização sobre o conflito psíquico.

3.1.3. 1910: O primeiro dualismo das pulsões

As teorizações freudianas das pulsões apresentam como característica fundamental o fato de serem dualistas, postulando conceitos que operam em oposição e estabelecem o conflito psíquico. Pautado por este traço, o primeiro dualismo pulsional, enunciado por Freud no texto *Concepção psicanalítica do*

transtorno psicogênico da visão (1910) estava baseado na oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu, também denominadas como pulsões de autoconservação.

Concebendo as duas necessidades básicas do ser humano como a fome e o amor e aproximando-se de concepções biológicas, Freud irá afirmar que (1910, pp. 317 – 318)

cada instinto procura se impor mediante a vivificação das ideias condizentes com suas metas. Nem sempre esses instintos são compatíveis entre si; com frequência tem conflitos de interesse; as oposições das ideias são apenas expressão das lutas entre os instintos que servem à sexualidade, à obtenção de prazer sexual, e os outros, que têm por meta a autoconservação do indivíduo.

Freud (1933) incluiu entre as pulsões do eu tudo que se relaciona à conservação, a afirmação e ao engrandecimento do indivíduo, remetendo às pulsões sexuais todos os fenômenos ligados à sexualidade infantil e perversa, sendo estas expressas pela libido, dotada de caráter sexual. Neste momento, o conflito psíquico será colocado como resultante do embate entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais, dado que ao Eu é atribuído um caráter limitador das tendências sexuais, que em função de sua incompatibilidade com o primeiro são recalçadas.

Apesar destas distinções conceituais, deve-se conceber que no primeiro dualismo pulsional, o que fundamentalmente difere os dois conjuntos de pulsões propostas por Freud são os princípios pelos quais estas são regidas. No texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911), que Freud submete as pulsões do eu à regência do princípio da realidade, aproximando-as dos processos secundários, e as pulsões sexuais ao princípio do prazer, relacionando-as com os processos primários e com a fantasia.

Tendo em vista o que foi até aqui colocado, nota-se que entre as obras *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e *O instinto e seus destinos* (1915) Freud definiu o conceito de pulsão, propôs o primeiro dualismo pulsional e trabalhou os dois princípios operantes no aparelho psíquico, consolidando a pulsão como uma noção fundamental em sua teoria. No entanto, conforme abordado no capítulo 2 deste trabalho, o processo de “implementação da psicanálise no coração da psiquiatria” (CROMBERG, 2014, p. 111) e o início de sua inserção no campo da psicose precocemente colocou em cheque estas proposições, apontando para dificuldades da teoria psicanalítica de tratar estes casos utilizando seus recursos da

época e tornando necessário que novas proposições que viessem responder as questões levantadas pelos fenômenos que passaram a ser estudados.

Movido por este quadro, Freud (1915) já aponta para uma fragilidade da primeira teoria das pulsões, definindo-a como

uma construção auxiliar, que deve ser mantida apenas enquanto se revelar útil [...] [considerando-se que] o motivo para esta proposição resultou do desenvolvimento histórico da psicanálise, que teve como primeiro objeto as psiconeuroses, mais precisamente aquelas denominadas “neuroses de transferência” (histeria e neurose obsessiva), e por meio delas se chegou à compreensão de que um conflito entre as exigências da sexualidade e as do Eu se encontra na raiz de cada uma dessas afecções. É possível, porém, que um estudo aprofundado das outras afecções neuróticas (sobretudo das psiconeuroses narcísicas, as esquizofrenias) leve a uma mudança desta fórmula, e com isso a uma outra classificação dos instintos primordiais (FREUD, 1915, p. 61).

3.2. 1914 – 1919: Psicanálise, psiquiatria e a teoria intermediária

Apesar de Freud nunca ter atendido um paciente psicótico, dedicando seu trabalho clínico somente ao campo das neuroses, o estudo das psicoses se introduziu na psicanálise por meio de seus colaboradores, entre os quais Spielrein (1911), bem como pelo ensaio *O caso Schreber* (1911). Considerando este um ponto crucial de sua teorização, dado que a necessidade de respostas para novas perguntas impulsionou modificações importantes no que estava sendo proposto na primeira década do movimento psicanalítico, Freud (1923, p. 304) afirma que

houve um progresso decisivo quando se passou à análise da *dementia praecox* [esquizofrenia] e de outras afecções psicóticas, começando assim a estudar o próprio Eu, até então conhecido apenas como instância repressora e opositora. Identificou-se como processo patogênico na demência o fato de a libido ser retirada dos objetos e introduzida no Eu.

Será a partir da obra *Introdução ao narcisismo* (1914), que o autor irá adotar uma nova distinção, subdividindo as pulsões sexuais em função de seu objeto de investimento. Impulsionado pelo estudo das psicoses Freud propõe que a libido não investe somente em objetos, podendo também ser investida no Eu⁸, tomando como objeto a própria pessoa (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

⁸ O termo *Ich* em alemão pode ser traduzido para Eu ou Ego, a depender da obra adotada.

A partir desse momento, Freud irá cunhar os conceitos de libido do Eu e de libido do objeto, definindo o primeiro como a libido que toma o próprio Eu como objeto de investimento e a segunda como aquela cujo investimento se dá em objetos externos. Dessa forma, a natureza distinta das pulsões, proposta pelo dualismo pulsões sexuais e pulsões de autoconservação (pulsões do eu), será aos poucos diluída, na medida que segundo Garcia-Roza (1985) a autoconservação nada mais seria do que um amor a si mesmo, sendo toda pulsão em última instância sexual.

A distinção entre libido do eu e libido do objeto e o enfraquecimento do primeiro dualismo pulsional colocou em duplo risco a teoria freudiana. Se aproximando cada vez mais da concepção monista de libido, Freud arriscava ter que aceitar a conceituação junguiana, o que o levaria a abandonar o marco dualista característico de sua obra, cedendo também a perspectiva do autor com quem, conforme discutido no capítulo 1, ele havia rompido em 1913.

Apesar de em retrospectiva Freud denominar este ponto de sua obra somente como uma “aparente aproximação à concepção junguiana” afirmando que

pareceu que a perspectiva psicanalítica, em seu lento proceder, terminava seguindo a especulação junguiana sobre a libido primordial, sobretudo porque a transformação da libido objetal em narcisismo achava-se inevitavelmente ligada a uma certa dessexualização, a um abandono das metas sexuais específicas. Mas impõe-se a reflexão de que, se os instintos de autoconservação do Eu são reconhecidos como libidinais, isso não prova que não haja outros instintos atuando no Eu (FREUD, 1923, p. 305).

Esta trata-se de uma leitura posterior do autor, realizada somente quando a psicanálise já havia se desenvolvido, a ponto de não mais se defrontar com esta problemática. No entanto, entre os anos de 1914, quando foi publicada a obra *Introdução ao narcisismo*, e 1920 Freud permanecerá as voltas com esta questão. Trata-se de um momento onde o primeiro dualismo pulsional já não mais servia perante as novas descobertas provenientes da clínica psicanalítica e do estudo das psicoses, porém não havia, na visão de Freud, nenhum conceito capaz de substituí-lo de maneira condizente com o restante de sua metapsicologia, sem que se tornasse necessário romper com seus pilares fundamentais, como o marco dualista e a primazia da sexualidade.

3.3. 1920: A virada de 1920 e o conceito de pulsão de morte na teoria freudiana

3.3.1. O além do princípio do prazer, uma descoberta?

A substituição do primeiro dualismo pulsional ocorreu somente no ano de 1920, com a publicação de *Além do Princípio do Prazer*, obra que marca a virada que se sucedeu no pensamento freudiano a partir desta década, quando foram revistos e introduzidos alguns dos conceitos fundamentais da psicanálise. Considerado um dos textos mais importantes da literatura psicanalítica, este consiste no ensaio onde Freud (1920) apresenta a segunda teoria das pulsões, se afastando do fantasma da concepção monista de Jung, com a qual se confrontava desde a criação dos conceitos de libido do eu e libido do objeto.

Freud (1920) inicia o texto discorrendo sobre o princípio do prazer, colocando como sua função a evitação do desprazer ou a geração do prazer. Retomando sua afirmação de que o aparelho psíquico se empenha em manter a excitação nele presente a mais baixa possível, o autor assinala que

não é correto dizer que o princípio do prazer domina o curso dos processos psíquicos. Se assim fosse, a grande maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer, quando a experiência geral contradiz energeticamente essa ilação. O que pode então suceder é que haja na psique uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações de modo que o resultado final nem sempre corresponde à tendência ao prazer (FREUD, 1920, pp. 164 – 165).

Afirmando que o princípio do prazer não domina todos os processos do aparelho psíquico, Freud (1920) aponta o princípio da realidade, por meio de sua exigência de adiamento da satisfação, e o conflito psíquico, em sua relação com o recalque, como circunstâncias que impedem o prevalecimento da tendência ao prazer. Apesar disso, o autor ressalva que estes dois aspectos não são capazes de contemplar a maior parte dos desprazeres oriundos da condição humana, tornando necessário questionar: o que é que está além do princípio do prazer? É esta pergunta que a construção desta obra virá responder, de modo que Freud cunha uma série de fatos, buscando sustentar a hipótese a ser apresentada.

A partir dessa interrogação, o autor recorre às “neuroses traumáticas”, comuns no pós-guerra, como uma ilustração de casos onde se constata no aparelho

psíquico o retorno, ainda sem explicação, para uma situação de intenso desprazer. Abordando como ponto fundamental os sonhos destes pacientes, marcados pela volta à situação traumática seguida do despertar aterrorizado, Freud (1920, p.170) pondera que

para que os sonhos dos neuróticos traumáticos não nos façam duvidar da tendência realizadora de desejos do sonho, resta-nos a saída de que nesse estado a função do sonho, como tantas outras coisas, também é abalada ou desviada de seus propósitos, ou teríamos que lembrar as enigmáticas tendências masoquistas do Eu.

Sem responder como se opera este processo, o autor volta-se para as brincadeiras das crianças como um segundo exemplo das tendências de trabalho do aparelho psíquico. Narrando o jogo do *Fort-Da* e interpretando-o como um ato compensatório da ausência materna, o autor pondera que este episódio também não fornece evidências do que está além do princípio do prazer. A repetição nesse caso se dá como forma de superação das idas e vindas da mãe estando, em última instância, relacionadas ao princípio do prazer (GARCIA-ROZA, 1985).

Por fim, retomando as repetições na transferência observadas na prática psicanalítica e abordadas no texto *Recordar, repetir e elaborar* (1914), Freud “vai conduzir o leitor para além do princípio do prazer” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 135) apresentando o conceito de compulsão à repetição afirmando que o

fato novo digno de nota, que agora temos que descrever, é que a compulsão à repetição também traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfações (FREUD, 1920, p. 179).

Nesse sentido, deve-se considerar que a compulsão à repetição não está a serviço do Eu ou da resistência, os quais se ligam ao princípio do prazer e buscam evitar o desprazer relacionado ao retorno do recalcado. Com a introdução deste conceito, a obra freudiana passa a tematizar a respeito de um processo que de forma alguma é fonte de prazer, mas que independentemente disso se impõe repetitivamente, visando a repetição do mesmo e do idêntico (GARCIA-ROZA, 1985). Dessa forma, é a compulsão à repetição que servirá de fundamento para o conceito de pulsão de morte, “contrariando a sua concepção inicial da pulsão como sendo uma força que impele o organismo a mudança, no sentido da produção de diferença” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 25).

Pelo contrário, neste ponto de sua obra Freud (1920, p. 202) irá afirmar o caráter conservador das pulsões, definindo-as como “um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que este ser vivo teve de abandonar” e argumentando que

seria contrário a natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado nunca antes alcançado. Terá de ser, isso sim, um velho estado inicial, que o vivente abandonou certa vez e ao qual ele se esforçou por voltar, através de todos os rodeios de seu desenvolvimento. Se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões internas, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que o objetivo de toda vida é a morte, e, retrospectivamente, que o inanimado existia antes que o vivente (FREUD, 1920, p. 204).

A concepção de que o objetivo da vida não seria alcançar algo novo ou inédito, mas sim retornar a um estado inicial, abandonado, que em última instância é o inanimado e a morte aumentou as questões em torno da pulsão de autoconservação, iniciadas com a criação dos conceitos de libido do eu e libido do objeto. Considerando que toda a vida tende para morte e que o caráter pulsional está diretamente ligado a esta tendência, as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, marcas do primeiro dualismo pulsional, são colocadas em cheque, sendo necessário perguntar a que estas estão a serviço. E é diante disso que Freud (1920, p. 208) irá afirmar que existem dois grupos de pulsões um que “precipita-se para frente, a fim de alcançar a meta da vida o mais rapidamente possível; atingida a uma determinada altura desse caminho, o outro corre para trás, a fim de retomá-lo de certo ponto e assim prolongar a jornada”.

Este percurso, discutido até o momento, consiste no que levará Freud (1920) a postular, apesar de seu caráter ainda especulativo, a existência de um novo dualismo pulsional: o das pulsões de vida e pulsões de morte.

É essa tendência inerente a todo ser vivo de retornar ao estado inorgânico que Freud chama de *pulsão de morte*, enquanto o esforço para que esse objetivo se cumpra de maneira natural, ele denomina *pulsão de vida*. O objetivo da pulsão de vida não é evitar que a morte ocorra, mas evitar que a morte ocorra de uma forma não natural. Ela é reguladora do caminho para a morte. Tanto as pulsões sexuais quanto as pulsões de autoconservação são consideradas pulsões de vida, já que ambas são conservadoras: as primeiras mantendo o padrão de repetição, isso é, garantindo a mesmidade do organismo; as segundas, preservando o organismo da influência desviante dos

fatores externos e garantindo a normalidade do caminho para a morte (GARCIA-ROZA, 1985, p. 137).

Se tanto as pulsões sexuais, quanto as pulsões de autoconservação, como afirmado, tendem para a morte em última instância agindo somente sobre o caminho que leva a esta, cabe perguntar a que servem as pulsões de vida, dado que estas aparecem conjugadas à pulsão de morte, e a serviço desta. E é para responder a esta pergunta que Freud (1920, p. 214) irá recorrer a biologia afirmando que nesta encontra-se uma

analogia com a nossa própria concepção, que desenvolvemos por caminhos tão inversos. Weissmann, [biólogo darwinista previamente mencionado por Freud] considerando morfológicamente a substância viva, nela vê um componente fadado a morrer, o soma, o corpo sem material responsável pelo sexo e a hereditariedade, e um imortal, o plasma germinativo que é útil à conservação da espécie, à procriação. Quanto a nós, não recorreremos à substância viva, mas às forças nela atuantes, e fomos levados a distinguir **duas espécies de instintos, aqueles que pretendem conduzir a vida à morte e os sexuais, que sempre buscam e efetuam a renovação da vida** (FREUD, 1920, p. 214, grifo nosso).

E é dessa forma que, segundo Freud, a pulsão de vida se estende além da pulsão de morte e distingue-se desta, o que garante a diferença entre ambas e mantém o dualismo pulsional por ele prezado. Marcando a diferenciação da concepção monista de Jung, postula-se a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte, como o novo dualismo, mantendo os pilares fundamentais da metapsicologia freudiana.

Analisando o ensaio freudiano de 1920, Garcia-Roza (1990) pondera que neste, a pulsão sexual e a pulsão de morte ainda aparecem muito articuladas, dado que a destrutividade da segunda aparece sempre vinculada à sexualidade, restrita ao sadismo e ao masoquismo. Concebendo que o texto de *Além do princípio do prazer* (1920) é primordialmente marcado pela tentativa de manter o dualismo tanto prezado pela teoria psicanalítica, o autor avalia que para tal Freud permaneceu muito vinculado à biologia deixando indefinidas algumas questões, como por exemplo as que se referem à autonomia da pulsão de morte.

No entanto, deve-se considerar que *Além do princípio do prazer* (1920) é um marco fundamental do pensamento freudiano, tendo em vista que é nesta obra que as transformações metapsicológicas iniciadas com a conceituação de narcisismo foram consolidadas, ganhando mais relevo. Apesar disso, este trata-se também de

um texto inconclusivo e, naquilo que ele possui de afirmativo, trai um compromisso com a biologia que, longe de tornar a questão mais clara, compromete ainda mais o texto. O verdadeiro além do princípio do prazer vamos encontrar dez anos mais tarde, exposto em *O mal-estar na cultura*⁹, sob a afirmação da plena autonomia da pulsão de morte entendida como pulsão de destruição. (GARCIA-ROZA, 1990, p. 133).

3.3.2. O problema econômico do masoquismo após a virada

A única referência direta a Spielrein encontrada na obra freudiana situa-se no capítulo VI de *Além do princípio do prazer* (1920) quando, ao discorrer sobre o sadismo e o masoquismo, Freud cita o texto *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912), afirmando-o como uma antecipação das reformulações que apresenta sobre este ponto de sua teoria. Sendo somente este o momento em que o autor diretamente dá relevância às descobertas de Spielrein para os primórdios da psicanálise, faz-se necessário que se discorra sobre estes conceitos na obra freudiana, de modo a tornar possível que se entenda o que esta pioneira autora propôs e como seu pensamento se articula com os constructos metapsicológicos abordados após 1920.

Considerados um par de opostos fundamental, cuja correlação íntima impede que sejam estudados separadamente no que diz respeito a sua gênese e as suas manifestações, o sadismo e o masoquismo foram abordados pela teoria freudiana desde a obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Inicialmente tratados como pertencentes ao campo das perversões, estes possuem uma grande importância na teorização psicanalítica, na medida que a atividade e a passividade, suas características fundamentais, são consideradas constitutivas da sexualidade em geral (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Tendo em vista que “no que se refere à gênese respectiva do sadismo e do masoquismo, as ideias de Freud evoluíram em relação às remodelações introduzidas nas teorias das pulsões” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 466), estes conceitos serão explorados no presente trabalho de maneira correlativa à proposição de cada um destes dualismos. Para tal, será dado enfoque aos textos

⁹ Texto mencionado neste trabalho sob o nome de *O mal-estar na Civilização* (1930), nome utilizado na tradução das Obras Completas de Freud da editora Companhia das Letras.

posteriores à virada de 1920, tendo em vista a importância do sadismo e do masoquismo para a compreensão da pulsão de morte e de suas manifestações.

No primeiro dualismo das pulsões, formado pela oposição entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, o sadismo é “tomado (...) no sentido de uma agressão contra outrem, em que o sofrimento deste não entra em consideração e não tem relação com qualquer prazer sexual” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 467). Afirmado como

um instinto parcial complementar ao sadismo, o masoquismo, deve ser entendido como uma reversão do sadismo para o próprio Eu (...). O masoquismo (...) seria então, na realidade, uma fase anterior dele mesmo, uma regressão (FREUD, 1920, p. 226).

De acordo com as teorizações sustentadas por Freud correlativamente à primeira tópica e ao primeiro dualismo das pulsões, o masoquismo pressupõe a existência de um sadismo originário, sendo fruto de uma transformação, na qual a agressividade é revertida para o próprio sujeito e retorna ao eu, e de uma inversão, que torna o funcionamento ativo em passivo. Dessa forma, a atividade pulsional articula-se com a sexualidade apenas quando o sadismo se transforma em masoquismo, devendo-se considerar que o primeiro tempo do sadismo não põe em jogo o laço sexual com o objeto. Este aparece somente em um segundo momento, quando o masoquismo se retransforma em sadismo (GARCIA-ROZA, 1995 e ROUDINESCO; PLON, 1998).

Com o artigo *“Batem em uma criança”*: contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919), Freud começará a esboçar as mudanças que serão propostas para este par antitético com a virada de 1920. A partir da proposições do segundo dualismo das pulsões, no texto *Além do princípio do prazer* (1920), e da elaboração da segunda tópica, em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921) e *O Eu e o Id* (1923), o autor irá publicar no ano de 1924 o texto *O problema econômico do masoquismo*, no qual consolida suas novas concepções a respeito do sadismo e do masoquismo.

Conferindo uma importância significativa ao masoquismo e buscando compreender suas articulações com o aspecto econômico do aparelho psíquico, Freud (1924, p. 186) irá afirmar a existência de “tensões prazerosas e distensões desprazerosas”, que conduzem a uma concepção qualitativa sobre prazer e

desprazer. Reiterando a importância do princípio do prazer como o guardião da vida, o autor define o princípio do Nirvana como “a tendência do aparelho psíquico para levar a zero ou pelo menos para reduzir o mais possível nele qualquer quantidade de excitação de origem interna ou externa” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 363). E afirma que este

expressa a tendência do instinto de morte, o princípio do *prazer* representa a reivindicação da libido e a modificação dele, o princípio da *realidade*, a influência do mundo externo. Nenhum desses três princípios é realmente colocado fora de ação por outro [...] embora ocasionalmente deva levar a conflitos (FREUD, 1924, p. 187).

A partir deste ponto, Freud (1924) define três formas de masoquismo, desenvolvendo suas concepções a respeito da existência de um masoquismo primário, já esboçado no capítulo VI de *Além do princípio do prazer* (1920), correlativo à noção de destrutividade e articulado com o segundo dualismo das pulsões e com o conceito de pulsão de morte. Entendendo que, parte da pulsão de morte é desviada pela libido para os objetos externos, sob forma da pulsão de destruição ou a serviço da sexualidade, tendo como resultante o sadismo, deve-se enfatizar que

uma outra parte não realiza essa transposição para fora, permanece no organismo e, com ajuda da mencionada excitação sexual concomitante, torna-se ligada libidinalmente; nela devemos reconhecer o masoquismo original, erógeno (FREUD, 1924, p. 191).

Afirmado originário, erógeno e primário entende-se que o masoquismo diz respeito ao componente não utilizado da pulsão de morte, cujo objeto é o ser íntimo do indivíduo (ROUDINESCO; PLON, 1998). Postulado por Freud (1924) como o resíduo interior resultante da transposição da pulsão de morte para os objetos, ou seja, do sadismo, seu caráter primário explica-se, segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 275), na medida que este “não sucede a um tempo em que a agressividade estaria voltada para um objeto exterior”. Em oposição, o masoquismo secundário é conceituado como um momento posterior, no qual o sadismo é novamente introjetado pelo indivíduo, voltando para dentro, regredindo à situação anterior e acrescentando-se ao masoquismo primário (FREUD, 1924).

Baseado no masoquismo originário, Freud (1924) postula a existência de outras duas formas de masoquismo, os quais serão brevemente abordados a seguir. Relacionado com a vida infantil e a passividade, o masoquismo feminino leva o indivíduo a desejar ser tomado como objeto, da mesma forma que uma criança desamparada, dependente e malcomportada, estando diretamente ligado à obtenção de prazer na dor. Em contrapartida, o masoquismo moral remete ao sentimento inconsciente de culpa que gera uma necessidade de punição em função da relação estabelecida entre o Eu e o Super-eu¹⁰.

Tendo em vista o que foi até aqui colocado, faz-se necessário enfatizar que *O problema econômico do masoquismo* (1924) consiste em um texto importante para o que se pretende discutir no presente trabalho, na medida que este articula as pulsões de vida e morte. Nesta obra, tanto o masoquismo primário como o masoquismo moral são apresentados como exemplos dos diversos graus de mistura entre estas pulsões, que até este ponto da teoria freudiana aparecem agregadas e indissolúveis, deixando em aberto a questão a respeito da possibilidade de autonomia da pulsão de morte (GARCIA-ROZA, 1990).

3.3.3. O mal-estar na civilização e a autonomia da pulsão de morte

Durante a primeira década que sucedeu a publicação de *Além do princípio do prazer* (1920) a ausência de ligação entre a pulsão de morte e a sexualidade foi um ponto considerado de difícil aceitação para Freud. Afirmando a destrutividade como uma “metamorfose da pulsão sexual”, cujo sadismo e o masoquismo expressam bem, e mantendo a articulação entre as pulsões de vida e morte, a possibilidade de autonomia da segunda permaneceu em aberto durante esse período (GARCIA-ROZA, 1990), no qual Freud (1930, p. 86) avaliava que

não era fácil mostrar a atividade desse suposto instinto de morte. As manifestações de Eros eram suficientemente visíveis e ruidosas; era de supor que o instinto de morte trabalhasse silenciosamente no interior do ser vivo.

Com o texto *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930), o caráter silencioso e invisível da pulsão de morte irá ser deixado de lado a partir do momento em que

¹⁰ O termo *Über-Ich* em alemão pode ser traduzido para Super-eu ou Superego, a depender da obra adotada.

Freud reconhece a existência de uma tendência à agressividade no ser humano. Expressa sob forma de uma pulsão de agressão “especial e autônoma”, esta virá desvincular a destrutividade da sexualidade, sendo entendida como o “derivado e representante maior do instinto de morte, que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo” (FREUD, 1930, p. 90).

A partir desta publicação, se tornou possível para Freud afirmar a “plena autonomia” da pulsão de morte, lhe conferindo uma energia própria e distinta da libido. Esta nova perspectiva leva Garcia-Roza (1990, p. 133) a entender e denominar *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930) como “o verdadeiro além do princípio do prazer”, na medida que esta obra permitiu a Freud (1933) afirmar as pulsões de vida e de morte como fundamentais, reconhecendo para cada uma destas sua própria meta, de forma que “agressividade e sexualidade passam a ser consideradas com inteira autonomia uma com respeito à outra” (GARCIA-ROZA, 1995, p. 159).

Será dessa maneira que a civilização passará a ser enfatizada no texto de 1930: não somente como a responsável por inibir e impor sacrifícios à sexualidade humana mas também por lhe exigir que limite sua agressividade. Atribuindo a Eros o processo de união libidinal entre os indivíduos, Freud (1932, p. 426) define a pulsão de destruição como a opositora deste movimento, definindo-a como a pulsão de morte quando voltada para fora e afirmando que “cada um desses instintos é tão indispensável quanto o outro, é da atuação conjunta ou contrária de ambos que surgem os fenômenos da vida”. Desta obra em diante, a pulsão de morte passou a ser entendida como representante de uma agressividade originária que age em conjunto com a pulsão de vida, dado que suas manifestações são dificilmente isoláveis, e que se apresenta como

obstáculo maior a cultura [...] [que] estaria, portanto, a serviço de Eros. A pulsão de morte, entendida como potência destrutiva, tem como alvo a disjunção [...], a recusa da permanência. Enquanto a pulsão sexual é conservadora, pois além de constituir uniões tende a mantê-las, a pulsão de morte é renovadora [...] no sentido de [...] recusar a permanência do “mesmo”, de provocar na natureza e na cultura a emergência de novas formas (GARCIA-ROZA, 1990, pp. 134 – 135).

A publicação de *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930) é um marco fundamental para que se compreenda a história do conceito de pulsão de morte na

literatura da psicanálise freudiana. Deixando de lado a proximidade com a biologia que o respaldava desde *Além do princípio do prazer* (1920) e debruçando-se sobre uma perspectiva mais antropológica, a hipótese da pulsão de morte é considerada por Roudinesco (1999) como responsável por uma completa transformação no pensamento freudiano, que permitiu explicar a essência da dor, do trauma e da destruição não somente na clínica individual, como também na civilização humana.

3.4. Pulsão de morte: uma “mitologia da psicanálise”?

A tese da pulsão de morte será revisitada por Freud na 32ª das *Novas conferências introdutórias a psicanálise* (1933), onde o autor voltará a expor o que havia proposto para a teoria das pulsões a partir de 1920, buscando relacioná-lo com suas novas concepções a respeito da angústia¹¹. Além desta obra, este conceito será retomado também na carta enviada a Albert Einstein intitulada *Por que a guerra?* (1932) e na obra *Análises termináveis e intermináveis* (1937), trabalhos que a despeito de sua importância não serão abordados no presente trabalho, na medida que o mesmo possui limitações temporais.

Para vias de análise, resumiremos brevemente a proposta freudiana até aqui abordada. Partindo da oposição inicial entre pulsões de autoconservação (pulsões do Eu) e pulsões sexuais, as quais foram modificadas pela perspectiva do narcisismo, a partir da qual constatou-se que o Eu também pode tomar a si próprio como objeto. Por meio desta observação, Freud foi levado a postular uma teoria intermediária, na qual opõe libido do eu e libido do objeto, considerando que o Eu é sempre o reservatório principal de libido de onde partem os investimentos objetivos e para o qual estes retornam (FREUD, 1933), o que dificultou a diferenciação entre ambos conceitos, levando a teoria freudiana a substituir esta oposição por uma

novidade na teoria dos instintos; também ela se baseia em considerações biológicas, eu a apresentarei aqui como um produto acabado. Nós supomos que haja dois tipos de instintos, essencialmente diversos, os sexuais no sentido mais amplo, o Eros, se preferirem o termo, e os agressivos, cuja meta é a destruição. [...] Não favorecemos a hipótese de um instinto natural de destruição devido aos ensinamentos da história e da vida, isto sucede com base em reflexões gerais, a que fomos levados pela consideração dos

¹¹ O termo *Angst* em alemão pode ser traduzido para ansiedade ou angústia, a depender da obra adotada.

fenômenos do sadismo e do masoquismo (FREUD, 1933, pp. 252 – 253).

Apresentado por Freud (1920) pela primeira vez no texto *Além do princípio do prazer*, o segundo dualismo pulsional, ou seja “a novidade na teoria dos instintos”, é composto por duas pulsões fundamentais: Eros (pulsões de vida) e pulsão de destruição (pulsão de morte). Fundamentalmente, pode-se afirmar que

O objetivo da primeira é o de sempre produzir maiores unidades e assim mantê-las, quer dizer, a ligação; o objetivo da outra, ao contrário, é o de dissolução das conexões, e, assim, o de destruir as coisas. Por pulsão de destruição podemos pensar aquilo cujo objetivo final seja levar o organismo vivo a um estado inorgânico. Por isso a chamamos também de pulsão de morte. Enquanto essa pulsão [de destruição] opera como pulsão de morte no interior, ela permanece muda, só se revelando a nós quando é dirigida para fora como pulsão de destruição (FREUD, 1940, 25 – 27).

Em suma, a pulsão de morte pode ser definida como

uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem para a redução completa das tensões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico. Voltadas inicialmente para o interior e tendendo a autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 407).

Apesar de ter ocupado uma parcela importante da produção de Freud a partir da virada de 1920, a segunda teoria das pulsões não se converteu em lugar comum da teoria freudiana, sofrendo resistências à sua aceitação pelos psicanalistas (MANNONI, 1976). Permanecendo até a atualidade como uma das noções mais controversas dentro da psicanálise, Laplanche e Pontalis (2001) e Green (1988) concordam que, diferentemente dos seus demais conceitos, a pulsão de morte sofre dificuldades para se impor aos discípulos de Freud, tendo sido modificada por todos os teóricos que decidiram incorporá-la as suas formulações, como é o caso de Klein e Lacan.

Esta constatação foi feita também por Freud (1933) que denominou a segunda teoria das pulsões como a “mitologia” da psicanálise, enfatizando a dificuldade de aceitação deste conceito nos círculos psicanalíticos e reiterando as problemáticas que trilharam o caminho de sua proposição. Quais os motivos que justificam esta atitude? Há relações entre a conceituação freudiana a respeito da

pulsão de morte e a exposição realizada pela jovem psicanalista russa em 1911? O que naquela época Freud via em *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912) que fazia-o não ser repetitivo a este trabalho? As propostas freudiana e spielreiniana se distanciam ou se complementam?

4. DISCUSSÃO: SPIELREIN E FREUD, UMA CONVERSA

Até aqui percorremos um longo caminho, transitamos entre a história e a teoria da psicanálise, entre as primeiras mulheres e homens desse movimento, entre as formulações de seus mais pioneiros conceitos e em meio a suas primeiras discordâncias e rupturas. Ainda que de maneira bastante incipiente perto da grandeza da vida e obra das figuras de Spielrein, Freud e Jung, espero que possamos agora tecer algumas reflexões sobre o que foi discutido.

Mais do que uma comparação, que pouco abarca a complexidade das teorias das quais tratamos, penso que deveríamos nos propor a realizar uma conversa entre Freud e Spielrein, da qual surjam mais reflexões e dúvidas do que conclusões. Para tal, retomemos primeiro o que motivou a realização deste trabalho.

Foi em meio a questões sobre o conceito de pulsão de morte em psicanálise que conheci Sabina Spielrein, uma mulher cuja história em um primeiro momento me gerou fascínio, para depois levar-me a questões. Em pesquisas, soube que ela havia sido uma das primeiras psicanalistas da história e que seu nome e seus textos haviam desaparecido da historiografia oficial até 1980, quando foi redescoberta como a amante e paciente de Jung.

Poucos são os que sabem que Sabina Spielrein se tornou uma brilhante autora e psicanalista. Este é o destino de todas as mulheres importantes do século XX? Em meio a minhas pesquisas iniciais, descobri que ainda hoje se estuda pouco sobre a sua autoria.

Em tempos onde muito se discute a respeito das concepções da psicanálise sobre o feminino, pensei que reconhecer a presença das primeiras mulheres que cercaram Freud, assim como estudar suas proposições, poderia ser um movimento importante, ou ao menos um processo de reflexão. Para tanto, discutir a história de Spielrein não bastava, era necessário escutar aqui que ela, como uma mulher pioneira, tinha a acrescentar para a psicanálise.

E como desde o início interessava-me pelo conceito de pulsão de morte, optei por utilizá-lo como recorte. Seria através desse viés que eu buscava ajudar a resgatar a importância de Sabina Spielrein como uma das primeiras mulheres da história da psicanálise, de modo a responder, a partir da análise de seus primeiros ensaios, como e se a teorização da autora poderia contribuir e acrescentar à compreensão freudiana do segundo dualismo pulsional. Desde o início, minha

proposta foi fazer um trabalho sobre Sabina Spielrein, pautando-me nas perguntas: Por que não ouvimos falar dessa autora? Quais os motivos para seu “soterramento histórico”? Há de fato relações entre as propostas spielreiniana e freudiana sobre a pulsão de morte? Predominam semelhanças ou discrepâncias entre as obras de Freud e Spielrein? O texto *A destruição como origem do devir* (SPIELREIN, 1912) pode auxiliar no entendimento do conceito de pulsão de morte?

Vejamos algumas reflexões que emergiram deste percurso.

A trajetória de Sabina Spielrein traz marcas importantes da história das mulheres burguesas do século XX. Educada desde a infância para o trabalho e os estudos e negando identificar-se à posição materna, que remetia ao casamento e à maternidade, ela adoeceu no momento em que não encontrou outra saída para si, pois, em sua condição de mulher, não conseguiu encontrar um lugar que a aceitasse, para que ela pudesse dar continuidade a seus estudos.

Internada no Instituto Burghölzli após entrar em um estado mental grave, Spielrein pôde reconstruir seu caminho. Se algumas décadas antes as camisas de força seriam a resposta a suas questões, ela deparou-se com médicos pioneiros, que em seu caso decidiram priorizar a escuta e o investimento no trabalho como formas de tratamento.

Foi no encontro com a psicanálise, com Jung e com Bleuler que Spielrein conheceu um campo sublimatório, um lugar de acolhida onde podia estudar, pesquisar, escrever e publicar. Em um mundo que fechava as portas para as mulheres, insistindo que estas permanecessem em seus lares, o movimento psicanalítico a recebeu, a despeito das grandes disputas que envolveram a aceitação de mulheres no mesmo, lhe dando-lhe a possibilidade de ocupar um lugar subjetivo distinto daquele a que havia sido destinada.

No entanto, as forças que permitiram uma saída a Spielrein, podem ter sido também as que a excluíram da história da psicanálise. A aceitação de mulheres não era unânime entre os discípulos freudianos e suas propostas teóricas muitas vezes eram inaceitáveis do ponto de vista masculino, por irem contra os próprios mecanismos de opressão feminina. Este é o caso, por exemplo, das considerações spielreinianas sobre a atividade e passividade, mesmo que estas tenham sido posteriormente aceitas, assim como as propostas de outras mulheres que

questionaram na mesma época temas fundamentais como a existência do instinto materno.

É em função disso é que talvez ainda insistamos em uma lógica discursiva que retrata a psicanálise nascente por uma lógica dualista que coloca os homens como analistas e teóricos e as mulheres como pacientes e casos, desconsiderando o fato de que muitas delas, entre as quais Sabina, assumiram papéis importantes dentro e fora do movimento psicanalítico. E, nesse sentido, a reprodução da história das primeiras mulheres da psicanálise ainda é bastante prematura e marcada muito mais pela doença e pela tragédia do que pela teoria; pouco se sabe ou se reconhece que elas também estavam na construção desse movimento.

A biografia de Spielrein nos mostra como, em diversos momentos, personagens do movimento psicanalítico insistiram em reafirmar esta oposição, colocando-a como “ex-paciente de Jung” e reverberando questões sobre seu diagnóstico em uma mistura de sua vida pública e privada e de seu lugar como analisanda e analista. Afinal, qual foi a finalidade de se registrar nas *Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena* que em meio aos seus estudos Sabina vivera um surto psicótico? Por que Jung insistiu em afirmar para Freud que Spielrein é sua paciente quando já não mais a considerava como tal, justificando com base em seus sintomas os conflitos amorosos entre eles?

Deixando em aberto estas perguntas, outro ponto que considero importante de se levantar é o fato de que talvez o esquecimento de Spielrein, deva-se também à sua posição entre Jung, aquele que havia a introduzido na psicanálise, e Freud, seu mestre. Afinal, se ainda hoje se insiste em reconhecer as mulheres que figuraram ao lado de grandes homens, como por exemplo Hannah Arendt, somente como suas esposas ou amigas, onde há espaço para Sabina entre os conflitos de Freud e Jung, figuras que dividiam o movimento psicanalítico da época?

Este ponto, perpassa também por questões teóricas, na medida em que a própria Spielrein insistia em reafirmar as convergências entre ambos os autores quando eles procuravam em marcar suas diferenças, uma posição bastante corajosa em meio aos movimentos institucionais que cedo ou tarde culminariam na expulsão de Jung. Em consonância com a atitude de Sabina, gerou-se também um duplo movimento marcado pela tentativa junguiana de trazer Spielrein para o seu lado, o que talvez justifique porque ele a menciona tanto em suas obras, e a insistência de alguns psicanalistas em afirmar que ela era excessivamente influenciada por ele.

E acerca da segunda posição, muito visível na apresentação da conferência *Sobre a transformação*, levanto alguns apontamentos. Em 29 de novembro de 1911, Spielrein era a única mulher da Sociedade Psicanalítica de Viena, em um momento onde Margarethe Hilferding havia se retirado junto com Adler e Tatiana Rosenthal ainda não havia sido aceita. Seria a insistência em reafirmar a proximidade de Sabina com o pensamento junguiano uma iniciativa misógina, que visava sua saída juntamente com a dele retirando as mulheres do movimento psicanalítico?

Afinal, a despeito das marcas junguianas no texto de Spielrein, as quais de fato existem e não podem ser tratadas como invencionismo, após os conflitos entre o pai e o príncipe herdeiro da psicanálise, ela firmou-se ao lado de Freud, seguindo os pilares teóricos por ele propostos e sua prática clínica. Além disso, Sabina permaneceu vinculada à Sociedade Psicanalítica, exercendo e produzindo textos da área, trocando correspondências com Freud, estando presente nos eventos importantes do campo, como o Congresso de Haia, participando do próprio movimento institucional da psicanálise quando colabora para a sua implementação na União Soviética e exercendo esta prática mesmo na ilegalidade, quando a psicanálise fora proibida pelo stalinismo. É de fato coerente a considerarmos uma autora junguiana? A que esta classificação está a serviço?

Somado a estes dados, temos também o fato de que o stalinismo afastou Spielrein do Ocidente, impedindo-a de comunicar-se com os demais psicanalistas do movimento. Este foi um efeito não somente das práticas soviéticas, mas também da Segunda Guerra Mundial e do nazismo, que obrigaram grande parte dos membros da Sociedade a se refugiarem, o que teve consequências políticas e institucionais importantes, em meio às quais provavelmente a figura de Spielrein se perdeu, distanciada e incomunicável na União Soviética.

Voltemos agora para o conceito de pulsão de morte.

Para se discutir a pulsão de morte em psicanálise, penso que seja de primeira importância refletir a respeito de um ponto: independentemente da relação entre os conceitos de Freud e Spielrein, acredito que afirmar que o pai da psicanálise “roubou” as propostas da autora seja de bastante inocência, um ato que dúvida da própria força de posicionamento de Sabina. Ela permaneceu ao lado de Freud durante toda sua carreira como psicanalista, comunicando-se com ele até que recaísse no isolamento russo e se encontrando ainda muito próxima do movimento

psicanalítico em 1920, quando *Além do princípio do prazer* foi publicado. Freud, por outro lado, sempre apoiou a carreira dela como fazia com a maioria de seus discípulos, não tendo motivos manifestos para negar sua autoria. Tendo em vista estas considerações, levantarei alguns pontos a serem discutidos sobre as propostas de Freud e Spielrein.

Um primeiro ponto a ser discutido diz respeito à trajetória muito semelhante que culminou na proposição do conceito de pulsão de morte para ambos os autores. A impossibilidade de responder às questões sobre a psicose (esquizofrenia) levou-os a esta formulação, seja pela paciente de Spielrein, seja por Schreber. No entanto, devemos assinalar que enquanto ela era uma jovem analista recém-formada e cheia de ideias, ele ocupava um lugar de mestre no movimento psicanalítico, tendo que lidar também com as questões institucionais que o cercavam. Se para Spielrein a afirmação sobre a pulsão de morte era mais fácil, para Freud esta necessitou de toda uma articulação metapsicológica que permitissem que este conceito fizesse sentido, tivesse rigor teórico e não rompesse com os pilares fundamentais da psicanálise. Talvez esta seja a justificativa para a demora do autor para se tornar receptivo a esta ideia.

Além disso, pensemos nas relações entre a psicanálise e a biologia. Vimos que Freud criticara Spielrein em sua apresentação de 1911 por procurar suas referências nesta área do conhecimento, subordinando a psicanálise a pressupostos biológicos. O que ela propõe é de fato uma subordinação? Devemos pensar que talvez sim, reafirmando que ela fala em “instinto” de morte e não pulsão, a despeito de ambos os conceitos diferirem fundamentalmente, conforme abordamos. Por outro lado, vemos Freud mencionar Weissmann e tratar de organismos unicelulares em *Além do princípio do prazer* (1920). Não era ele que não aceitava as referências spielreinianas à biologia?

Chama a atenção que ele repete aquilo que criticara na obra de Spielrein. A formulação freudiana de pulsão de morte se ancorará na biologia em seus primeiros tempos, apenas desvencilhando-se desta com *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930). Temos aqui um ponto de convergência. Será por que a morte é também a morte do corpo, uma condição inerente a todos os seres vivos, que a biologia tornou-se tão importante para ambos os autores? Ou tratava-se somente de uma dificuldade de ancorar outras referências para esta reflexão?

Ainda tratando das semelhanças, vemos que ambos apresentam acepções bastante próximas sobre o sadismo e o masoquismo, Freud refere-se às proposições de Spielrein sobre o masoquismo originário, e neste ponto as propostas de ambos de fato convergem. Ao afirmar a possibilidade de se obter prazer pelo desprazer ou pela dor, desejando-se o autoprejuízo e regozijando-se com ele, ela antecipa a hipótese freudiana de que há algo além do princípio do prazer, apontando para a possibilidade de experiências que de alguma forma causam prazer permanecerem se repetindo. Trata-se de uma ideia pioneira, se pensarmos que Sabina trazia esta formulação no início da segunda década do século XX, muito antes do próprio Freud fazê-lo.

Quanto à definição da pulsão de morte, vimos que Freud a caracteriza como uma pulsão que objetiva a redução absoluta das tensões, conduzindo o ser vivo de volta ao estado inorgânico pela via do desligamento, da dissolução das conexões e da destruição. Já em Spielrein, a pulsão de morte está oculta na pulsão sexual e, a despeito de visar a destruição, ela não objetiva a aniquilação da vida ou a eliminação total da estimulação, mas sim o renascimento e a criação do novo, uma morte para o antigo que significa vida para o que vai surgir.

Nele temos uma teoria da destruição, do aniquilamento das tensões, enquanto nela vemos mais uma teoria da transformação, onde a destruição é a origem do devir. Uma diferença profunda entre Freud e Spielrein, um ponto onde eles não conversam. Mas será que não poderiam?

Seria possível vislumbrar que ao menos em alguns casos a pulsão de morte poderia destruir para depois criar? Erradicar o que há de antigo para que o novo possa emergir? Ou seria esta, de fato, a pura aniquilação?

Se pensarmos que a “pulsão de morte é renovadora [...] no sentido de [...] recusar a permanência do “mesmo”, de provocar na natureza e na cultura a emergência de novas formas (GARCIA-ROZA, 1990, pp. 134 – 135), talvez possamos cogitar que a destruição, em alguma instância, seja a origem do devir. É viável considerarmos na erradicação do antigo como um movimento que permite surgir o novo e as novas ligações? Ou a transformação e a aniquilação são vias distintas? Não é necessário que antigos modelos sejam destruídos para que se possam emergir novas formas de organização? Muito longe de concluir algo, entendemos que Freud e Spielrein se aproximam, se distanciam e se

complementam: o aprofundamento em suas obras talvez venha a responder estas questões.

Levantamos muitos motivos que articulados podem ter causado o “soterramento histórico” de Sabina Spielrein; o mesmo pode ser dito a respeito do conceito de pulsão de morte, sobre o qual elencamos semelhanças e diferenças radicais. Mas, apesar de termos chegado a muitas hipóteses, poucas são nossas respostas. Penso que o que aqui fizemos foi mais um processo de recordar, de trazer de volta à memória aquilo que o tempo e a atuação de diversas forças e processos apagou, um movimento importante para que se possa permitir a mudança e a emergência do novo, sem a necessidade de sejam dadas respostas prontas. O trabalho sobre a vida e obra de Spielrein foi mais um esforço de recordação do que de conclusão, algo que visou, a partir da sua recuperação, tornar possível que se reafirme sua importância teórica, e também a importância das mulheres no movimento psicanalítico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após algumas reflexões acerca do que foi discutido, caminhamos para o fim deste trabalho. Partindo do objetivo de resgatar a importância da vida e obra da psicanalista Sabina Spielrein, respondendo se e como a teorização da autora pode contribuir e acrescentar à compreensão freudiana do segundo dualismo pulsional, percorremos um longo trajeto.

Para que pudéssemos responder as questões levantadas, foi preciso que em um primeiro momento, recuperássemos a trajetória de Spielrein, afirmando seu lugar como a segunda mulher a integrar o movimento psicanalítico. Utilizando sua biografia, assim como alguns documentos históricos como as cartas trocadas entre Spielrein, Freud e Jung, o diário pessoal da autora, e trabalhos a respeito dos atores que compõe essa história, pudemos recuperá-la, marcada pelo sofrimento histórico, pela internação psiquiátrica, pela autoria e carreira psicanalítica de Sabina, pela construção do movimento psicanalítico e por grandes fatos que marcaram a Europa do século XX, como as grandes guerras, a Revolução Russa, o nazismo e o stalinismo.

Com base neste material, observamos que Spielrein teve um lugar de relevância teórica e institucional no movimento psicanalítico, reafirmando a importância de seu reconhecimento. Este foi um processo de recordar, a partir do qual tecemos algumas reflexões sobre os motivos de seu soterramento histórico, pautando-nos principalmente em seu papel como mulher.

Passamos então a dissertar sobre a emergência do conceito de pulsão de morte em psicanálise, uma via que permitiu um estudo da autoria de Spielrein e uma escuta daquilo que ela tinha a propor como psicanalista. Para tal, nos pautamos nos textos *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911), levantando como principal questão da autora a dificuldade de se tratar casos de psicose com os recursos psicanalítico de sua época. Depois, trabalhamos o texto *A destruição como origem do devir* (1912), onde Spielrein formula o conceito de pulsão de morte.

Após o estudo destas obras, concluímos que a autora sinalizou a existência de uma tendência no aparelho psíquico que antecede aquela regida pelo princípio do prazer, indicando que, ao se estender os estudos psicanalíticos para além da vida do Eu, pode-se entender a obtenção de prazer pelo desprazer, pela dor ou pelo auto-prejuízo. Mantendo o primeiro dualismo pulsional de Freud, a autora oculta o

“instinto de morte” na pulsão sexual, definindo-o como uma tendência à destruição, a qual para ela é a origem do devir. O que ela elabora é uma teoria da transformação, que concebe que a morte não existe em absoluto, na medida que significa o surgimento do novo e o renascimento.

A seguir trabalhamos com os textos freudianos, dissertando brevemente sobre a primeira teoria das pulsões, assim como sobre as necessidades conceituais que culminaram na obra *Além do princípio do prazer* (1920). A partir da análise deste ensaio, observamos que Freud passou a conceber que o aparelho psíquico não apenas busca a ligação representada pelas pulsões de vida, mas também a redução das tensões, a dor e o desligamento, evidentes nas pulsões de morte.

Fundamentada em noções como compulsão à repetição, neuroses de guerra, agressividade, sadismo e masoquismo, a pulsão de morte pode ser definida como uma tendência à redução das tensões, que busca levar o organismo vivo para o estado anorgânico, ou a morte, objetivando a dissolução das conexões e a destruição. Esta será oposta às pulsões de vida, surgidas da unificação das pulsões sexuais e pulsões de autoconservação (pulsões do Eu), as quais buscam a ligação e a renovação da vida. Observando que Freud tece amplas referências à biologia em *Além do princípio do prazer* (1920), analisamos também o ensaio *O mal-estar na civilização* (1930), considerando que será somente neste que ele irá afirmar a plena autonomia da pulsão de morte, a partir da conceituação da pulsão de destruição, propondo que a partir da atuação conjunta das pulsões de vida e de morte é que surgem os fenômenos da vida.

Analisando ambas as propostas, avaliamos que Spielrein (1912) e Freud (1920) aproximam-se ao formular a pulsão de morte a partir das questões levantadas pelo estudo das psicoses, pautando-se em referências biológicas para afirmar a existência de uma tendência no aparelho psíquico que não busca a obtenção do prazer, que gera desprazer e leva à destruição. No entanto vimos que, enquanto Spielrein (1912) propõe uma teoria da transformação, concebendo que a destruição é a origem do devir, levando ao renascimento e ao surgimento do novo, em Freud (1920) esta visa a aniquilação total da vida e a redução das tensões. No entanto, em 1930 Freud irá rever esta proposição, concebendo que da atuação conjunta das pulsões de vida e morte é que surgem os fenômenos da vida, o que questionamos se não seria uma aproximação da teoria spielreiniana. Desse modo, deixamos em aberto a questão se, de alguma forma, a pulsão de morte, em sua

atuação conjunta com a sexualidade, seria também uma via de transformação na obra freudiana, na medida em que nas palavras do autor é a atuação conjunta das pulsões de vida e de morte que gera os fenômenos da vida. Após estas considerações, tecemos algumas reflexões, buscando em última instância provocar a recordação e o pensar.

Apontamos, por fim, que as principais dificuldades para a realização deste trabalho consistiram na ausência de comentadores da obra de Spielrein, o que tornou a análise de seus ensaios mais difícil e menos aprofundada. Por outro lado, consideramos que este fenômeno advém do próprio esquecimento de sua autoria, o que reiterou, ao longo do processo, a importância do estudo realizado.

Tendo reafirmado o lugar de Sabina Spielrein como autora e psicanalista, deixamos em aberto algumas questões. Considerando que suas obras ainda estão em processo de publicação, avaliamos que novos estudos podem ser realizados a partir de outros de seus textos, que perpassam temas como a linguagem e a clínica infantil. Além disso, pensamos ser fundamental a realização de outros estudos sobre as primeiras mulheres da psicanálise, permitindo um aprofundamento em suas proposições teóricas, as quais muito podem dizer sobre o lugar do feminino nos primeiros momentos do movimento psicanalítico.

Acredito que reconhecer o papel das mulheres que desde o início compuseram este movimento, tanto institucionalmente como com sua autoria, é fundamental para que se possa rebater as críticas sobre a misoginia psicanalítica, utilizando-nos do olhar feminino para rever, ou ao menos repensar, alguns de seus pontos mais questionados. Reconstituir a história destas mulheres é, em meu ponto de vista, fundamental para que o pensamento psicanalítico possa permanecer sendo colocado em um lugar contracultural, que em seu início associou-se ao judaísmo e a sexualidade revolucionária.

No entanto, se estes são os pontos que em que os trabalho de Freud são considerados inovadores, poucos são os que lembram que foi por meio destes que tornou-se possível também que se escutasse as mulheres do início do século XX, as quais expressavam em seu corpo, pela via da histeria, sua impossibilidade de serem ouvidas e de ocupar um lugar diferente na sociedade. Se a psicanálise permitiu, apesar de algumas disputas e percalços, que as mulheres tivessem também um lugar de atuação, escrita e autoria, é de extrema importância que recordemos este seu papel, colocando-a não em um lugar que colonizou e teorizou sobre os corpos

femininos, mas também que trabalhou em conjunto com diversas mulheres, o que é um ponto fundamental para que possamos, ao menos, permanecer afirmando o pioneirismo desta teoria.

REFERÊNCIAS

ALONSO, S. L. Prefácio – O Processo de construção de uma história. In: SPIELREIN, S. *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. Trad. Renata Dias Mundt. São Paulo: Livros da Matriz, 2014. (Obras Completas, v. 1). p. 9 – 19.

BIRMAN, J. *As Pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CAROPRESO, Fátima. O instinto de morte segundo Sabina Spielrein. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 414-419, 2016.

CAROTENUTO, A. *Diário de uma secreta assimetria*. Tradução de Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

CHECCHIA, M. *Combate a vontade de potência*. São Paulo: Annablume, 2016.

CROMBERG, R. U. (Org.) *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. São Paulo: Livros da Matriz, 2014. v. 1.

_____. *O amor que ousa dizer seu nome: Sabina Spielrein – Pioneira da Psicanálise*. 549 f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

DUNKER, C. I. L. Filmando a história da psicanálise: Um método perigoso, de David Cronenberg. In: _____; RODRIGUES, A. L. (Org.). *História, gênero e sexualidade*. 2. ed. São Paulo: nVersos, 2015. p. 91 – 100 (Coleção cinema e psicanálise, v. 5)

ENDO, P. *O frescor e a inventividade dos pioneiros da psicanálise: Sabina Spielrein*. *Trivium – Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 331-336, dez. 2015.

FERENCZI, S. (1926) *O problema da afirmação do desprazer*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Obras Completas de Sándor Ferenczi, v. 3)

FREUD, S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 6)

_____. (1910) *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 9)

_____. (1911) *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v.10)

_____. (1911) *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia [dementia paranoides] relatado em autobiografia ("O Caso Schreber, 1911)*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 10)

_____. (1912) *Recomendações aos médicos que praticam a psicanálise*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v.10)

_____. (1914) *Introdução ao narcisismo*. Trad. Sob a direção de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 12)

_____. (1914) *Recordar, repetir e elaborar*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 10)

_____. (1915) *O instinto e seus destinos*. Trad. Sob a direção de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 12)

_____. (1919) *“Batem numa criança”: Contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14)

_____. (1920) *Além do princípio do prazer*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14)

_____. (1921) *Psicologia das massas e análise do Eu*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 15)

_____. (1923) *“Psicanálise” e “Teoria da Libido”*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 15)

_____. (1923) *O Eu e o Id*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 16)

_____. (1924) *O problema econômico do masoquismo*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 16)

_____. (1930) *O mal-estar na civilização*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 18)

_____. (1932) *Por que a guerra?* [Carta a Einstein]. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de

Sigmund Freud, v. 18)

_____. (1933) *Angústia e instintos*. Trad. Sob a direção de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 18)

_____. (1940) *Compêndio de psicanálise e outros textos inacabados*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.

GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução a teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. *Freud e o Inconsciente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Introdução a metapsicologia freudiana: Artigos de metapsicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. v. 3.

_____. *O Mal radical em Freud*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. Tradução de Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GREEN, A. Pulsão de Morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: _____. (Org.). *Pulsão de Morte*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988. p. 53 – 65.

ICH hiess Sabina Spilerein [Meu nome era Sabina Spielrein]. Direção de Elisabeth Martón. Produção de Helgi Felixon. Dinamarca: Folkets Bio, 2002. (90 mins)

JONES, E. A vida e a obra de Sigmund Freud. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 3 v.

JORNADA da alma. Direção de Roberto Franza. Produção de Elda Ferri. Inglaterra: Paris Filmes, 2002. 1 DVD (89 mins)

JUNG, C. G. (1911 – 1912/1956) *Símbolos da transformação*. Tradução de Eva Stern. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 5)

_____. (1942) *Psicologia do inconsciente*. Tradução de Maria Luíza Appy. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (Obras Completas de Carl Gustav Jung, v. 7/1)

_____. *Memórias, sonhos e reflexões*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1961.

KEHL, M. R. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Sob direção de Daniel Lagache. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MANNONI, O. *Freud e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

MCGUIRE, W. (Org.) *A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung*. Tradução de Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

MIJOLLA, A. *Dicionário internacional de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

NUNBERG H.; FEDERN E. (Org.) *Les premiers psychanalystes: Minutes de la Société psychanalytique de Vienne*. Paris: Gallimard, 1979. v. 3.

RICHEBÄCHER, S. *Sabina Spielrein: de Jung a Freud*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

ROUDINESCO, E. As Primeiras mulheres psicanalistas. In: _____. *Em defesa da*

psicanálise: ensaios e entrevistas. Organização dos textos, apresentação e revisão por Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 86 – 91.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SKEA, B. R. S. *Spielrein: out from the shadow of Freud and Jung*. *Journal of Analytical Psychology*. v. 51, n. 4, p. 527 – 552.

SPIELREIN, S. (1909 – 1912) *Diário de Sabina Spielrein*. In. CAROTENUTO, A. *Diário de uma secreta assimetria*. Tradução de Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

_____. (1911) *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia*. Tradução de Renata Dias Mundt. In: CROMBERG R.U. (Org.). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. São Paulo: Livros da Matriz, 2014. v. 1.

_____. (1912) *A destruição como origem do devir*. Tradução de Renata Dias Mundt. In: CROMBERG R.U. (Org.). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. São Paulo: Livros da Matriz, 2014. v. 1.

_____. (1911 – 1918) *Cartas de Sabina Spielrein a C. G. Jung*. In. CAROTENUTO, A. *Diário de uma secreta assimetria*. Tradução de Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

_____. (1909 – 1914) *Cartas de Sabina Spielrein a S. Freud*. In. CAROTENUTO, A. *Diário de uma secreta assimetria*. Tradução de Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

STRACHEY, J. (1949). Notas do editor inglês. In: FREUD S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, v. 3)

UM MÉTODO perigoso. Direção de David Cronenberg. Produção de Jeremy Thomas. Canadá: Produtora Lago Film., 2011. 1 DVD (99 mins)

WIDLÖCHER, D. Prólogo. In: GREEN, A. (Org.). *Pulsão de Morte*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988. p. 7 – 11.